



ISPA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

Unidos por um objetivo

Relação entre a Cooperação, Eficácia Coletiva e Rendimento Desportivo

Nelson Guerreiro Mendes Coelho Lança

Nº17922

Orientador de Dissertação:

PROF. DOUTOR PEDRO ALMEIDA

Coordenador de Seminário de Dissertação:

PROF. DOUTOR PEDRO ALMEIDA

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia Social e das Organizações

2015/2016

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação do
Professor Doutor Pedro Almeida, apresentada no ISPA –
Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre na
especialidade de Psicologia Social e das Organizações
conforme despacho da DGES, nº 19673/2006 publicado em
Diário da República 2ª série de 26 de Setembro, 2006.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar quero agradecer ao Professor Doutor Pedro Almeida pela cooperação, disponibilidade e motivação ao longo deste ano repleto de altos e baixos, e fazer-me perceber que tenho sempre que dar o meu melhor em qualquer circunstância esquecer algum receio ou timidez.

À Professora Ana Moreira pela atenção, ajuda e disponibilidade demonstrada e por me ter acudido quando mais precisei.

Agradecer também, aos meus pais, avós e restante família por me terem tornado na pessoa que sou hoje e pela ajuda e incentivos demonstrados neste trajeto académico.

Um agradecimento especial tem de ser feito à Alexandra, por me motivar e “puxar” por mim nas alturas de desespero, fazer-me ver quais os caminhos a seguir para o empenho e dedicação de maneira a atingir parâmetros adequados para a realização deste curso e também por me aturar desde o ano longínquo de 2005. Portanto este curso não é apenas dedicado aos meus pais e avós mas a ti também.

Deixar um agradecimento especial a todos os meus treinadores quer de natação, quer de muay thai, por me ensinarem a ser humilde, a não desistir perante adversidades e a lutar pelos meus objetivos, quer a nível competitivo quer a nível pessoal.

Por fim, a todos os amigos que fui fazendo ao longo desta vida, um muito obrigado por fazerem parte da minha vida e por todos os momentos partilhados até agora. Thank you my friends and may the force be with you all.

Resumo

Cada vez mais o desporto tem vindo a ter um papel de destaque não só no modo de vida da população portuguesa mas também do mundo em geral, quer este seja praticado a nível de lazer/hobby ou ao mais alto nível. Com tal o presente estudo teve como objetivo estudar o efeito mediador da eficácia coletiva entre a cooperação (cooperação condicionada e incondicionada e cooperação com o treinador) e o rendimento de equipas desportivas, procurou-se também verificar se a cooperação tinha impactos positivos no rendimento desportivo, bem como os impactos positivos da eficácia coletiva no rendimento desportivo das equipas.

Com uma amostra de 146 participantes de diversas modalidades com uma média de idades de 20.05, este estudo utilizou a o questionário do CEQS (Short, Sullivan e Feltz, 2001) traduzido por Fransisco, 2005, com o intuito de avaliar as crenças que os atletas têm em relação á sua equipa, foi também utilizado o questionário QCD (Garcia-Mas, 2006), adaptado e traduzido para a população portuguesa por Almeida e colaboradores, 2012. Por último foi construído um questionário sobre o rendimento, onde este foi aprovado por diversos treinadores de diferentes modalidades, todos com o quarto nível de treinador, de maneira a verificar como é que os atletas analisavam o rendimento da sua equipa no decorrer da presente época.

Dos resultados obtidos, pode-se destacar que, o efeito de mediação da Eficácia Coletiva na relação entre a Cooperação e o Rendimento teve apenas um efeito parcial. O mesmo se verificou no efeito de mediação da Eficácia Coletiva na relação entre as três dimensões da Cooperação (Cooperação condicionada, Cooperação incondicionada e Cooperação com o treinador) e o Rendimento Desportivo de uma equipa. Confirma-se também que existem impactos positivos não só na relação entre a Cooperação e o Rendimento mas também na relação entre a Eficácia Coletiva e o Rendimento Desportivo.

Palavras-Chave: Cooperação, Eficácia Coletiva e Rendimento Desportivo.

Abstract

Increasingly sport have become a prominent role not only in the life of the Portuguese population but also the world at large, this to be practiced at the level of leisure / hobby or at the highest level. With such, the present study aimed to study the mediating effect of Collective Efficacy between Cooperation (Conditional and Unconditional Cooperation and Cooperation with the coach) and the Performance of Sports Teams, It was tried also to check for Cooperation, to have a positive impact on the athletic Performance, as well the positive impacts of Collective Efficacy in sports Performance Teams.

With a sample of 146 participants from diferente sports, with na avarege age of 20.05 this study used the questionnaire CEQS (Short, Sullivan and Feltz, 2001) translated by Fransisco, 2005, in order to evaluate the beliefs that athletes have about their team, it was also used the questionnaire QCD (Garcia-Mas, 2006), adapted and translated for the Portuguese population by Almeida et al, 2012. Finally it was built a questionnaire about sport team performance, where this was approved by several coaches of different sports, all with the fourth level of coach, in order to verify how the athletes analyse the performance of their team in the course of the current season.

The results obtained, it can be noted that the effect of mediation of collective efficacy in the relationship between cooperation and team performance had only a partial effect. The same was verified about the effect of mediation of Collective Efficacy in the relationship between the three dimensions of Cooperation (Cooperation conditional, unconditional Cooperation and Cooperation with the coach) and the Sports team Performance. It was also confirmed that there are positive impacts not only on the relationship between Cooperation and the Sports Performance but also on the relationship between Collective Efficacy and the Sports Performance.

Keywords: Cooperation, Collective Efficacy and Sports Performance

INDICE

INTRODUÇÃO.....	11
COOPERAÇÃO.....	12
EFICÁCIA COLETIVA.....	17
RENDIMENTO.....	23
MODELO DE INVESTIGAÇÃO E HIPÓTESES.....	27
MÉTODO.....	28
Participantes.....	28
Delineamento.....	29
Instrumentos.....	29
Procedimento.....	33
RESULTADOS.....	34
Escala de Cooperação.....	35
<i>Validade</i>	35
<i>Fiabilidade</i>	36
<i>Sensibilidade</i>	36
Escala de Rendimento.....	37
<i>Validade</i>	38
<i>Fiabilidade</i>	38
<i>Sensibilidade</i>	39
Escala de Eficácia coletiva.....	39
<i>Validade</i>	40
<i>Fiabilidade</i>	40
<i>Sensibilidade</i>	41
Estatística Descritiva das Variáveis em Estudo.....	41
Testes de Hipóteses.....	41
Correlações.....	41
Hipóteses.....	42
<i>Teste do Efeito de Mediação do Bem-Estar</i>	44
DISCUSSÃO.....	48
IMPLICAÇÕES.....	50
REFERÊNCIAS BLIOGRÁFICAS.....	51
ANEXOS.....	54
ANEXO A – Questionário.....	55

ANEXO B – Estatística Descritiva da Amostra	63
ANEXO C – Qualidades Métricas da Escala de Cooperação.....	68
ANEXO D – Qualidades métricas da escala de Rendimento	73
ANEXO E – Qualidades métricas da escala de Eficácia.....	78
ANEXO F – Estatística Descritiva das Variáveis em Estudo	83
ANEXO G – Correlações	84
ANEXO H – Testes de Hipóteses	85

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela1- Tabela das sub escalas e itens do CEQS.....	30
Tabela 2- Tabela das sub escalas e itens do CCD.....	31
Tabela 3- Tabela das sub escalas e itens do questionário do Rendimento.....	32
Tabela 4 – Índices de Ajustamento para Modelos Fatoriais (Valores de Referência)	36
Tabela 5- Resultados da Análise Fatorial Confirmatória da escala de Cooperação	36
Tabela 6 - Fiabilidade da escala de Cooperação e suas dimensões	36
Tabela 7 - Sensibilidade da escala de Cooperação e suas dimensões	37
Tabela 8 - Resultados da Análise Fatorial Confirmatória da escala de Rendimento	38
Tabela 9 – Valor de alpha de Cronbach da variável Rendimento Desportivo	38
Tabela10 – Sensibilidade da escala de Rendimento Desportivo	39
Tabela 11 - Resultados da Análise Fatorial Confirmatória da escala de Eficácia Coletiva.....	40
Tabela 12 – Valor de alpha de Cronbach da variável Eficácia Coletiva	40
Tabela 13 – Sensibilidade da escala de Eficácia Coletiva.....	41
Tabela 14 - Correlações entre as variáveis, Médias e Desvio Padrão	42

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Modelo concetual da Cooperação desportiva QCD.....	16
Figura 2 - Modelo de Investigação.....	27
Figura 3 - Gráfico das Habilitações.....	28
Figura 4 – Gráfico das Modalidades	29
Figura 5 - Efeito da Cooperação no Rendimento.....	43
Figura 6 - Efeito das dimensões da Cooperação no Rendimento Desportivo	43
Figura 7 - Efeito da Eficácia no Rendimento	44
Figura 8 - Mediação da Eficácia na relação entre a Cooperação e o Rendimento	45
Figura 9- Mediação da Eficácia na relação entre a Cooperação Condicionada e o Rendimento	46
Figura 10 - Mediação da Eficácia na relação entre a Cooperação com o Treinador e o Rendimento	46
Figura 11 - Mediação da Eficácia na relação entre a Cooperação Incondicionada e o Rendimento	47

Introdução

O desporto, palavra originária do francês *desport*, significa recreação, passatempo ou lazer (REF - In: Academia das Ciências de Lisboa. *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*. 1.^a ed. Lisboa: Editorial Verbo.) e está cada vez mais vigente na vida quotidiana, não só pelos seus benefícios físicos e psicológicos, mas também pela amplitude inerente às diversas modalidades que acarreta e, consequentemente, dos respetivos atletas.

Partindo das premissas supracitadas, surge a temática para o presente estudo...

O Desporto tem grande impacto na vida quotidiana, quer este seja praticado apenas por motivos de lazer, manutenção de forma física, ou então ao mais alto nível. O interesse de estudar esta área no âmbito de uma tese mestrado centrou-se na questão de analisar o efeito que três variáveis na conjuntura de varias equipas desportivas, de diferentes modalidades. Estas três variáveis se forem experienciadas, não só pelas equipas mas também pelos indivíduos em si, de uma forma regular e intensa podem aumentar os seus níveis de performance permitindo assim a estas (e estes), atingirem os objetivos estabelecidos no início de uma época desportiva.

As três variáveis escolhidas para o presente estudo são a cooperação, a eficácia coletiva e por fim o rendimento, uma vez ao se analisar as presentes variáveis, incide-se em três pontos críticos que todas as equipas, desportivas ou não, experienciam. Como base no estudo desenvolvido por Feltz e Lirrg (1998), para uma equipa poder executar as tarefas que lhe foram designadas terá de haver eficácia a nível individual, para numa fase a seguir surgir a coletiva, sendo assim terá de existir cooperação entre os diferentes membros da equipa, e numa fase final a equipa atingir o rendimento esperado.

Sendo assim o presente estudo terá como problema tentar perceber se existe influência por parte da eficácia coletiva na relação entre cooperação e rendimento e se esta relação entre cooperação e rendimento aumenta ou diminui consoante o grau de eficácia coletiva das equipas de diferentes modalidades desportivas. Por outras palavras qual o efeito mediador da eficácia coletiva na relação entre cooperação e rendimento desportivo.

Cooperação

Cooperação, como o próprio nome indica, é uma ação exercida por pelo menos duas pessoas que se entreadjudam para um objetivo comum em conjunto por um certo número de indivíduos, logo para esta ação acontecer é necessário existir uma equipa que trabalhe para um único objetivo comum. Esta trata-se de uma relação estabelecida entre indivíduos ou até mesmo organizações utilizando uma panóplia de métodos sendo estes mais ou menos comuns. A cooperação pode ser vista como um método ideal da gestão de interações humanas com ponto assente na distribuição de bens e serviços.

Este conceito surge na componente da psicologia social por volta dos anos cinquenta, tendo sido o seu impulsionador Morton Deutsch. Depois do seu surgimento em estudos psicológicos, estes conceitos foram rapidamente assimilados à *teoria dos jogos* que foi adaptada a diversos modelos, sendo o mais conhecido o “*dilema do prisioneiro*”.

O conceito de cooperação para Morton Deutsch (2000) tem duas premissas principais, sendo estas o tipo de ação e a interdependência de objetivos. Na primeira premissa temos que estes tipos de ação, que são escolhidos pelo indivíduo, estão divididos em dois grupos, no primeiro o indivíduo quando deparado com um tipo de ação pode aumentar as suas hipóteses de sucesso como *effective actions* (ações eficazes), ou então o indivíduo pode deparar-se com tipos de ação que tem o efeito contrário, ou seja, que irão prejudicar o indivíduo no caminho para o sucesso, *bunclin actions* (ações ineficazes) (Deutsch, 2000)

Em relação à segunda premissa (interdependência de objetivos), Deutch em 2001, considerou duas características, neste caso uma positiva e uma negativa. Na fase positiva tem que estar em consideração que a probabilidade que um indivíduo tem de alcançar sucesso é igual à probabilidade de um outro indivíduo alcançar também o mesmo objetivo. Na fase negativa temos o contrário, ou seja, as probabilidades dos indivíduos alcançarem o objetivo não é igual. Logo, o que acontece nesta premissa será que na situação positiva ambos os indivíduos saem a ganhar ou a perder, enquanto na situação negativa, quando um ganha o outro está como que “obrigado” a perder.

Ainda segundo Deutch, é essencial estabelecer uma relação entre as diferentes interdependências de objetivos, tipos de ação e mais três características que estão nos “bastidores” da criação da cooperação, e os intervenientes de uma equipa. Estas três características são denominadas de sustentabilidade, atitudes, induzível. Estes três

processos são essenciais para a percepção dos processos psicológicos e sociais que constam nos principais efeitos de cooperação e compreensão (Deutsch,2000).

A definição destes três conceitos são apresentados pelo autor como ações de um atleta que podem satisfazer as intenções de outro, ou seja, permite a aceitação das atividades de terceiros para a consecução dos objetivos e necessidades próprias, verificando-se o primeiro conceito, sustentabilidade. No campo das atitudes temos uma predisposição para responder ativamente em favor de determinados aspetos do meio envolvente ou então do próprio indivíduo.

Quando estabelecida uma conexão entre cooperação e atitudes, estas formam crenças positivas (ex: juntos conseguimos). Mas se as atitudes se ligarem ao campo da competição irão criar crenças negativas (ex: estou em competição contigo). Por fim, no campo da induzível, esta irá estar relacionada com a predisposição que o indivíduo tem para aceitar a influência do outro e para se comportar de acordo com as instruções que lhe foram dadas ou sugeridas.

Sendo assim e através da combinação destes elementos poderemos compreender qual a orientação que um atleta tem, ou seja, se está numa vertente cooperativa ou competitiva. Todavia, num grupo, um indivíduo interage com diferentes tipos de pessoas, onde todos têm a ganhar se cooperarem entre si, uma vez que os objetivos a alcançar são todos, ou quase todos, iguais para os elementos do grupo (Deutsch,2001).

Certas características são apontadas para definir um grupo cooperativo, também é de notar que quanto mais eficazes forem os tipo de ação do grupo, mais este irá estar orientado para uma vertente cooperativa do que competitiva. Desta feita o grupo irá demonstrar pelo menos quatro características, sendo elas: 1-a base de comunicação do grupo é exercida de uma forma mais pacífica onde cada elemento não tem receio de expressar as suas ideias e opiniões, estas claro são feitas de uma forma onde existe menos bloqueios, isto acontece devido ao facto de existir sentimentos de respeito e aceitação por parte dos outros. 2-A amizade e companheirismo é forte num grupo cooperante assim como a orientação para a distribuição de tarefas, objetivos específicos e aumento dos índices de rendimento. 3- A partilha de valores e crenças também está inerente neste tipo de grupos como também sentimentos de confiança de ideias e valor que os elementos existentes ou novos podem vir a acrescentar à equipa. 4- Os indivíduos de uma equipa percebem como

sendo algo comum nos conflitos de interesses dos colegas de equipa e têm noção de que estes problemas podem ser ultrapassados através de um esforço em coletivo (Deutsch, 2000). Daqui resultará um reconhecimento de autenticidade em relação a esses interesses individuais, existindo a necessidade de se encontrar a melhor forma para a solução destes problemas que agrade a todos os elementos do grupo (Deutsch, 2001).

Deutsch (2000), reconhece que se existir vontade para maximizar o potencial dos elementos do grupo, através de conhecimentos, Habilidades e competências, a equipa poderá alcançar mais facilmente os objetivos que se predispôs a alcançar. Logo esta vontade de maximizar também será uma característica de uma equipa cooperante. O autor também refere que as características acima referidas podem ser invertidas se a equipa optar por uma orientação competitiva em vez de cooperante.

Cooperação em equipas desportivas

A cooperação no contexto desportivo tem vindo ao longo do tempo a ser cada vez mais um alvo de investigação no campo da psicologia, tendo sido estudada afincadamente a primeira vez em 1978 por Terry Orlick e mais recentemente por Garcia –Más. Sendo assim, os autores Cratty e Hanin (1980) indicam três tipos de atletas dentro das equipas com nota assente na sua tendência para cooperarem e interagirem entre si. Estes três tipos de atletas são distinguidos entre os individualistas (apenas preocupados consigo próprios e com o sucesso individual), preocupados com a equipa (o êxito pessoal depende do êxito da equipa) e por último os imersos na equipa (o sucesso ou fracasso da equipa é o seu próprio).

Garcia -Más (2001), considerou que esta investigação apenas se baseava nos tipos de personalidade dos atletas, ou seja, as manifestações evidenciadas pelos atletas derivavam dos seus diferentes tipos de personalidade, logo este pressuposto não teria nenhuma aplicação teórica ao contexto cooperativo desportivo.

Num estudo efetuado em 1995 Garcia-Más e Bauzá, tiveram em consideração a variável da cooperação e definiram assim três tipos de jogador, o primeiro enumerado de jogador racional este tipo de atleta foi considerado um indivíduo não cooperativo da sua equipa uma vez que não se interessam pelas circunstâncias, nem pelas consequências da sua

possível cooperação, logo são imunes ao ambiente de balneário (Garcia –Más, 2001). O segundo tipo de jogador, jogador casual, é o oposto do primeiro tipo de jogador identificado pelo autor, uma vez que este importa-se com as consequências e circunstâncias da sua cooperação. De acordo com Garcia-Más, estes jogadores são motivados pelas consequências reais resultantes da sua conduta cooperativa e não pelas consequências esperadas em circunstâncias hipotéticas. Este “segundo tipo de jogador” determina a quantidade de esforço que despende e o grau de cooperação para com os restantes colegas, manifestado pelo nível de cooperação que estes transmitem ao jogador. Logo, estes jogadores têm tendência para manifestar alguma social loafing (preguiça social). Dentro deste “segundo tipo” foi identificado uma subcategoria, “jogador seguidor”, importando-se apenas com o grau em que cooperam, estudam os seus colegas de equipa e escolhem seguir a maioria, isto porque para estes jogadores, cada elemento da equipa deve fazer a sua parte apenas quando os outros a executam (Garcia-Más, 2001).

Por fim, o último tipo de jogador é o “jogador de equipa”, uma vez que este deseja, através da sua cooperação, ajudar a equipa a alcançar um objetivo que foi estabelecido, por exemplo, no início da época desportiva, ora esta atitude por parte do jogador surge em função das expectativas e objetivos próprios. Com esta panóplia de tipos de jogador averigua-se que o atleta durante uma situação de jogo, quer de treino quer a “sério”, têm de efetuar certas decisões em relação à atitude a adotar, ou seja, cooperativa ou competitiva, para com os seus companheiros e treinador.

Com a ambição de estudar afincadamente a variável da cooperação no contexto desportivo, Garcia – Más et. Al (2006), desenvolveram o Questionário de Cooperação Desportiva, QCD. Durante a fase de análise dos resultados obtidos, os autores, verificaram a existência dois fatores disposicionais elementares, onde comprovam a tendência para os atletas cooperarem entre si, isto é, os atletas terão de efetuar uma tomada de decisão face à situação em que se encontram, de maneira a perceberem se irão optar pela via da competição ou cooperação para alcançarem os seus próprios objetivos. Os atletas podem cooperar de forma incondicional, ou de forma condicional (objetivos que pretendem alcançar). A cooperação incondicional é uma “cooperação porque sim”, ou seja, os atletas irão cooperar entre si mas com ausência de motivação para alcançarem os objetivos, ao passo que a cooperação condicionada, é uma cooperação “ que se reconhece”, visto que existe motivação para este efeito de maneira a se alcançarem os objetivos pretendidos. Foram também identificados pelos autores fatores situacionais,

onde estes determinam e influenciam o nível de cooperação que o atleta irá estabelecer com os seus colegas de equipa e treinador, quer dentro quer fora do campo. Pode-se então considerar que os comportamentos desta cooperação situacional são extraídos da disposição pessoal de cada atleta para cooperar condicionalmente, ou seja, os atletas dedicam todo o seu empenho e esforço para alcançarem os objetivos pretendidos, através da interação estabelecida com os colegas de equipa e treinador (Almeida et al., 2012).

Para descrever o que acima foi referido, a figura demonstra o modelo conceptual de cooperação desportiva, desenvolvido por Garcia-Mas et al , 2006.

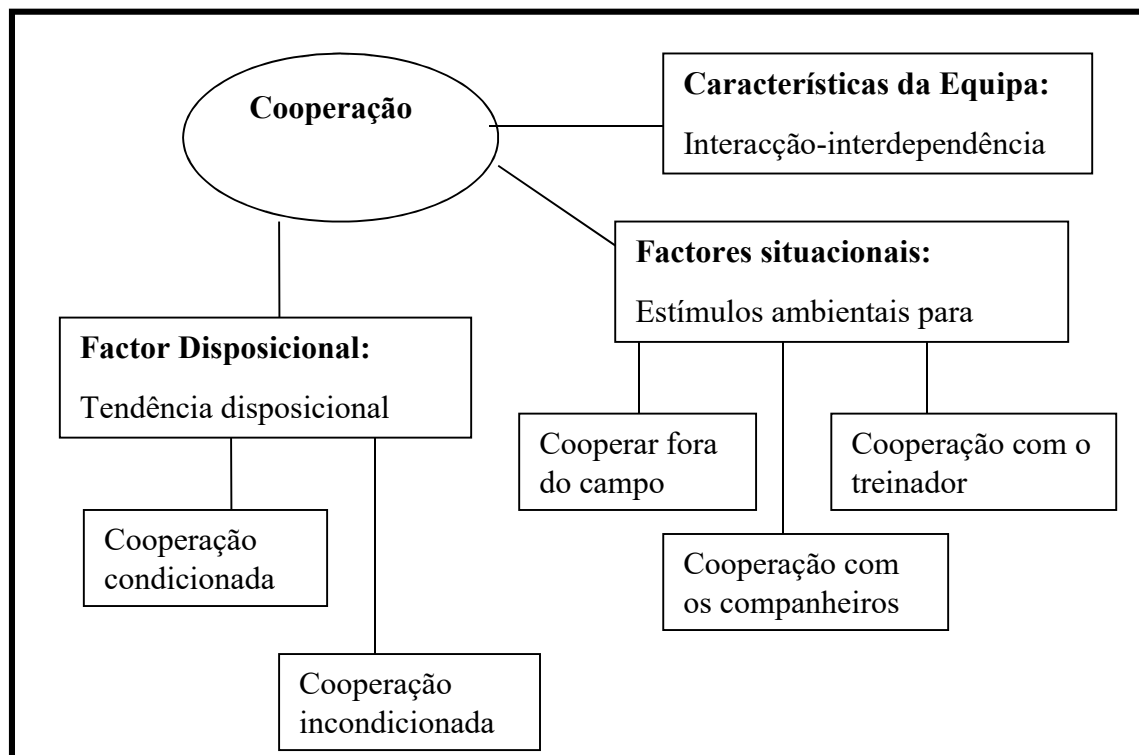


Figura 1- Modelo conceitual de Cooperação desportiva do QCD, (Garcia-Mas, 2006)

Face ao modelo descrito anteriormente fica demonstrado, a hipótese de que um grupo cooperante pode obter um melhor rendimento que interesse a todos os intervenientes da equipa, mas tem de se ter em conta que os objetivos pessoais e grupais tem de estar bem definidos. Desta forma o atleta irá compreender que pode obter um melhor resultado pessoal se optar por uma via cooperante (Garcia-Mas et. al, 2006)

Eficácia coletiva

Antes de caracterizar esta variável é necessário explorar a teoria de autoeficácia, introduzida por Bandura (1977) que tem como base a teoria socio-cognitiva. Esta define que os indivíduos são simultaneamente produtos e produtores do meio onde se inserem, da sua personalidade e ações verificando-se que os indivíduos influenciam e são influenciados pelos seus pares.

Por esta via surge a teoria da auto-eficácia, que tenta compreender de que forma é que os indivíduos criam e desenvolvem certas crenças e expectativas das suas capacidades para desenvolverem e executarem individualmente a tarefa que lhes é apresentada. Assim, Bandura (1977) definiu a auto-eficácia como sendo “a crença que um indivíduo tem nas suas próprias capacidades para executar e atingir não só os objetivos mas também determinados níveis de performance (Bandura, 1997).

Bandura (1997) prosseguiu com a apresentação de três características (Nível, força e generalização) ao nível das crenças e expectativas dos indivíduos em relação à sua auto-eficácia. O **nível** das crenças varia entre tarefas complexas e tarefas simples. Esta divisão surge da medição e da definição de cada ação que é desempenhada acerca da sua dificuldade. A **força** das crenças prende-se à certeza que o indivíduo tem de ser capaz de atingir o sucesso, numa determinada tarefa com um determinado nível de performance, logo esta “força” está diretamente ligada com o nível de confiança subjetiva que um indivíduo possui para alcançar um certo nível de rendimento. A **generalização** das crenças junta-se à quantidade de áreas e domínios em que o indivíduo se acha altamente eficaz, aumentando a amplitude da generalização de crenças de eficácia do indivíduo, que acabará por influenciar o rendimento num certo número de tarefas e o meio onde são desempenhadas.

Faça à variável em estudo, eficácia coletiva, esta que também foi introduzida por Bandura (1997). O investigador verificou que existia um grau elevado de interação no mundo desportivo, mais concretamente ao nível das equipas de desportos coletivos. Bandura constatou e afirmou que a auto-eficácia seria um mau preditor do rendimento da equipa, visto que esta teoria se centrava apenas no plano individual de um indivíduo. Desta feita, as crenças que um atleta tem acerca do seu rendimento não seriam as mesmas que uma equipa tem acerca do seu nível de rendimento.

O conceito de eficácia coletiva será então “a crença partilhada pelo coletivo, ou seja a equipa, nas suas capacidades de organizar e executar os melhores procedimentos, de forma a esta conseguir atingir determinado objetivo” (Bandura,1997). Com esta afirmação pode-se concluir que as noções construídas pelos jogadores de uma modalidade coletiva, sobre o potencial da equipa como um todo, é claramente mais importante do que a noção que cada atleta constrói acerca das suas próprias capacidades individuais e também de que a eficácia coletiva vai muito mais além do que a junção de todas as auto eficácias dos jogadores da equipa. Logo, existem processos que surgem no seio da equipa e assim a junção das auto eficácias não são tidas em consideração. Estes processos que surgem na equipa são deveras importantes, sendo elas a coordenação, integração e interação entre os atletas, assim “a eficácia coletiva diz respeito ao quão bem os atletas usam os seus atributos individuais, mas também a maneira como estes atributos individuais são combinados e coordenados entre si.” (Zaccaro, et al. 1995).

Ao longo dos anos, surgiu um elevado interesse por parte dos investigadores de como seria a melhor forma de se medir os efeitos de eficácia coletiva nas equipas coletivas. Para Bandura (1997) existem duas formas principais de se medir este efeito, a primeira forma é a de se aceder às crenças que cada atleta possui, acerca da sua capacidade para desempenhar de forma exemplar a sua tarefa dentro da equipa. Uma vez recolhida a informação de todos os membros da equipa, esta é compilada pela soma de todos os questionários recolhidos, obtendo-se, assim, um nível grupal, ou seja, um caso de “auto eficácia agregada”. A segunda forma de medição de eficácia coletiva apresentada por Bandura, será aceder às crenças que cada atleta possui em relação à capacidade que este julga que a sua equipa tem de executar com sucesso uma certa tarefa. Esta segunda abordagem remete instantaneamente para o nível grupal, uma vez que já não se centra nas capacidades de desempenho individual, mas denominada por “eficácia coletiva agregada”.

Bandura (1997) argumentou, e como seria de esperar, que a segunda forma de medição da eficácia coletiva tem um melhor poder preditivo que a primeira forma de medição, uma vez que esta se dá devido à soma das avaliações individuais sobre a auto eficácia, tornando-se insuficiente e limitadora para se compreender a relação dinâmica que se estabelece entre os membros da equipa. Por outras palavras, a interpretação que o atleta constrói acerca das suas expectativas de rendimento não traduzem a maneira como a equipa

percebe as suas capacidades enquanto um todo, e também a maneira como o todo emprega os recursos para atingir o objetivo esperado (Feltz & Lirgg, 2001).

Para uma equipa funcionar dentro dos parâmetros da teoria apresentada por Bandura (1997) e uma das variáveis em questão, a eficácia coletiva, terão de ser identificadas diversas fontes desta mesma no seio da equipa, ou seja, como os dois constructos (auto eficácia e eficácia coletiva) são semelhantes, aliás o primeiro está na origem do segundo, as suas fontes de origem serão também parecidas com a noção de que a auto eficácia estar relacionada a uma dimensão mais individual e, por sua vez, a eficácia coletiva estar ligada a uma vertente coletiva a nível grupal. Estas fontes de origem não são nada mais do que os fenómenos que antecedem estes processos e irão maximizar os níveis das crenças da eficácia coletiva de uma equipa. Logo, a fonte base da eficácia coletiva será a experiência de realização e o rendimento, que estará na formação das crenças coletivas da equipa, porque através desta experiência os atletas tiram conclusões sobre o rendimento anterior da equipa onde estão inseridos, destas conclusões saem deduções e formações de novas crenças apontadas para o que os atletas julgam ser o rendimento futuro da equipa. Por outras palavras, estas experiências passadas são algo pelo qual o atleta passou, por exemplo, na época anterior por ter ficado afetado positiva ou negativamente extraindo daí conclusões e, conseqüentemente, soluções para qualquer tipo de situação futura.

Outra fonte de eficácia coletiva é a “experiência vicariante” (Bandura 1997), esta é deveras importante, não só no contexto desportivo coletivo, mas também em qualquer tipo de situações grupais, e num plano individual. Através do visionamento da ação de um outro, o indivíduo tem acesso a emoções, experiências e comportamentos, que em determinadas situações irão ter o mesmo impacto que a experiência direta, onde reforçam ou mudam representações. Sendo assim, no contexto desportivo o visionamento de uma certa ação realizada pela equipa X, irá resultar numa panóplia de informação à equipa Y. Se por ventura a equipa X realizar a ação com num elevado grau de sucesso, a equipa Y irá sentir elevados sentimentos de motivação para desempenhar a mesma ação, ainda melhor que a equipa X, adotando os mesmos mecanismos e teorias adotadas pela primeira equipa. Num cenário inverso (a equipa X falhar), a equipa Y pode interiorizar os mesmos sentimentos de fracasso que a equipa X na execução da mesma tarefa.

A componente física dos atletas pode também afetar as suas crenças em relação à sua capacidade e nível emocional. Um atleta com um estado de espírito mais positivo dentro do seio da equipa tem um impacto direto nas crenças desta mesma, denominada por “estados fisiológicos e afetivos”. Dentro deste seguimento de fontes de origem, temos também a persuasão verbal, associada a uma pressão social pode ser deveras importante, num contexto desportivo de alta competição onde uma equipa que seja considerada “grande” e tenha uma ampla massa associativa bem como a atenção da imprensa, a equipa irá receber volumosos “pacotes” de feedback em relação ao seu rendimento, onde poderá ser bem ou mal recebido e, consequentemente, afetar ou não, as crenças de eficácia coletiva dos atletas. Dando um exemplo comum no mundo desportivo, se uma claque apupar durante um jogo inteiro a sua própria equipa, irá ser tão desmoralizador para esta como o seu próprio treinador rebaixar e criticar de forma negativa a equipa e os seus atletas, mas se uma claque apoiar a sua equipa em tempos críticos e bastantes stressantes, isto irá aumentar a confiança e motivação da equipa bem como as crenças dos jogadores em si, onde dentro destes irão surgir sentimentos do género “nós conseguimos, nós somos capazes de fazer melhor”.

Estas últimas quatro fontes de origem da eficácia coletiva, apesar de serem importantes, ficam para segundo plano-quando os investigadores exploram os efeitos da liderança na eficácia coletiva. A eficácia coletiva pode ser influenciada diretamente por uma liderança eficaz (Feltz e Lirgg, 2001). Os líderes num contexto desportivo e mais concretamente no contexto de balneário, podem ser identificados como sendo os treinadores, quer principais quer adjuntos, e também pelos capitães de equipa que têm a oportunidade de influenciar com o intuito de promover harmonia e bom ambiente de balneário na equipa, assim como o seu bom funcionamento. Um líder com um nível de respeito elevado dentro da equipa irá influenciá-la positivamente só com o seu discurso verbal, levando os seus atletas a acreditarem nas suas capacidades, transmitindo-lhes o que é necessário para atingirem altos níveis de rendimento e consequentemente alcançar o objetivo principal, ou seja, a vitória. A liderança transformacional foi apontada como a liderança mais eficaz no contexto de eficácia coletiva, visto que esta tem com base os comportamentos que promovem a glorificação dos objetivos estabelecidos para o grupo e, por via da confiança, impulsionará os membros da equipa a irem para além das suas expetativas e capacidades.

Beauchamp (2007), chegou à conclusão de que existe uma relação positiva entre a liderança transformacional e a eficácia coletiva, onde estas são mediadas pelo sentimento de empreendedorismo por parte dos atletas.

Outra fonte de eficácia coletiva é a coesão do grupo que segundo o estudo efetuado por Spink (1990), afirma que os atletas que veem a sua equipa com um nível elevado de coesão para a realização de uma tarefa, também a veem com um nível elevado de eficácia coletiva.

A composição do grupo também tem efeitos influenciadores na eficácia coletiva de uma equipa (Feltz e Lirrg,2001), mais concretamente o tamanho da equipa desportiva é responsável por níveis mais elevados (ou reduzidos) de eficácia coletiva no grupo. Se uma equipa for de grande dimensão pode sofrer sérias dificuldades ao nível da coordenação entre os seus membros, por outro lado, a equipa tiver poucos membros, mas os suficientes para executar as tarefas que lhe são propostas, pode levar a um aumento e fortalecimento das suas crenças ao nível da eficácia coletiva. Quanto maior for um grupo, maior a probabilidade de surgimento de problemas ao nível da coordenação dentro do grupo, onde esta coordenação é definida como sendo uma peça crucial para a eficácia coletiva (Beauchamp, 2007).

As fontes de origem de eficácia coletiva acima referidas podem potenciar ou reduzir os níveis desta mesma, ora, sendo a eficácia coletiva um fenómeno a nível grupal, certas variáveis a nível individual podem afetar diretamente o resultado da eficácia nas equipas (Beuchamp, 2007). Uma destas variáveis que prejudica, em grande parte, o fenómeno de eficácia coletiva é a ansiedade sentida pelos jogadores antes de uma situação de jogo real. Por exemplo, quando certos jogadores experienciam níveis mais elevados de ansiedade e sentem que durante o jogo iram ter um mau desempenho, a equipa experiencia níveis reduzidos de eficácia coletiva (Sullivan e Feltz, 2005).

Para terminar as fontes de origem da eficácia coletiva é necessário frisar que quando uma equipa esta perante tarefas altamente interdependentes, a eficácia coletiva irá influenciar em grande parte o rendimento da equipa. Assim o resultado da cooperação e interação entre os atletas vai determinar o nível de rendimento que estes iram alcançar (Bandura, 1997).

Para finalizar o capítulo da eficácia coletiva é de notar a existência duas dimensões que lhe estão intrínsecas definidas por Mischell e Northcraft (1997). A primeira dimensão, eficácia coletiva para a tarefa, evidencia que as crenças que os atletas possuem em relação ao conhecimento que a equipa tem sobre a tarefa e, para que esta a consiga desempenhar com o maior nível de sucesso, por exemplo, numa equipa de andebol, anteriormente a um jogo, pode determinar o número de golos que pretende marcar e os blocos efetuados com sucesso. No final do jogo a equipa verifica se ficou longe, ou não, desse numero pré-estabelecido.

A segunda dimensão, efeito de interdependência coletiva, relaciona-se com as crenças que os atletas têm sobre o conhecimento, técnica e capacidade que a equipa tem de maneira a conseguir desempenhar certa tarefa, por via de uma interação eficaz. Pegando no exemplo da equipa de andebol, neste caso esta terá de ser capaz de passar de uma estratégia atacante para uma estratégia defensiva, eficazmente e num espaço de poucos segundos, onde cada jogador terá de ocupar as suas posições de maneira a formarem o bloco defensivo de modo a evitarem que os adversários marquem golo, uma vez recuperada a bola os atletas voltam à estratégia ofensiva, ocupando as suas posições de ataque através de jogadas previamente (nos treinos) ensaiadas, de maneira a atingirem o sucesso, ou seja, o golo. Por outras palavras, nesta segunda dimensão, os atletas têm de se adaptar rapidamente às diferentes situações (atacante ou defensiva) e interagirem de forma eficaz para obterem o rendimento esperado e pré-definido.

Duas conclusões podem ser retiradas destas duas dimensões, a primeira é de que os atletas conseguem estabelecer uma ponte entre as suas crenças e o rendimento real que é alcançado, e a segunda conclusão é de que as expectativas que uma equipa tem antes de um jogo irão influenciar o rendimento posterior. Estes dois fenómenos servem de mediadores nas relações que se estabelecem entre as perceções de capacidade de equipa e o rendimento final (Stegelin,2003). Bandura (1997) afirmou também que a capacidade da equipa atingir o sucesso baseia-se na influência que as crenças que os atletas possuem para se organizarem e executarem as tarefas de forma a atingir um dado objetivo (Bandura,1997).

Rendimento

Abordando agora a ultima variável em estudo, o rendimento. Como o próprio sentido da palavra indica, este será o produto obtido por uma pessoa no cumprimento de uma tarefa, ou o lucro sobre algo.

O rendimento desportivo, embora seja um fenómeno complexo, existem certas variáveis que o podem caracterizar, uma delas será a criação de rotinas no dia-a-dia dos atletas, onde lhes permite ter evoluções a nível físico, psicológico e sobretudo técnico e consequentemente atingirem um melhor rendimento (Lameiras et al, 2014). Depois da criação destas ditas rotinas iremos ter um método desenvolvido por Stinger, o qual se denomina de five step approach. Ora este método como o próprio nome indica, passa por cinco fases diferentes, tendo em conta que os atletas usam, experimentam e aprendem estas rotinas durante toda a fase de desenvolvimento da atividade desportiva. Na primeira fase do método os atletas preparam-se para a execução onde devem regular o seu nível de ativação e efetuar a rotina que foi previamente determinada. Na segunda fase os atletas devem visualizar mentalmente a execução da tarefa a realizar de maneira a dominar os movimentos necessários e deterem a capacidade de entenderem as sensações associadas a esses movimentos. Na terceira fase os atletas devem centrar a sua atenção num estímulo antecedente e externo a estes de maneira a evitarem qualquer distração de origem interna ou externa. Na quarta fase do processo os atletas devem adotar uma conduta que os leve a não pensar sobre os movimentos que estão a executar como também o resultado que resultará destes. Por fim na quinta fase os atletas devem, se possível, avaliar a execução da tarefa através de um feedback adequado, transmitido por colegas de equipa mais experientes ou pelo treinador, de maneira a realizarem arranjos para uma execução posterior da mesma tarefa. Como ficou assente, esta metodologia usa a atenção consciente antes da execução da tarefa, através da utilização da visualização mental. Com o uso da atenção automática durante o desenvolvimento da tarefa, o atleta irá concentrar-se em estímulos antecedentes externos, sem estar preocupado com os movimentos que constituem e necessários para a execução da tarefa.

Este método inclui todas as etapas necessárias para uma execução correta da tarefa, que através dos treinos diários ou bi-diários, se tornará como que “automática” para os atletas (Lameiras et al.,2014).

Outro aspeto que também tem impacto no rendimento desportivo de atletas será a questão da liderança, ora a liderança é um processo de “ influência comportamental entre indivíduos e grupos para alcançarem os seus objetivos” (Castilla e Ramos, 2012). Estas figuras de liderança podem ser identificadas de varias formas, ou seja, dirigentes, presidente da associação desportiva e treinadores, sendo estes últimos os líderes com quem os atletas têm um contacto mais direto e diário. Diversos estudos têm evidenciado que os diversos estilos de liderança e a sua adequação às preferências dos membros da equipa têm impacto direto no comportamento dos atletas, logo consequentemente no rendimento e alcance de objetivos (Martín e Márquez, 2008).

O modelo multidimensional de Chelladurai (Martin,2007) tem por base o grau de consistência entre três aspetos da conduta de um líder (conduta requisitada, a conduta real e a conduta preferida), sendo uma condição importante e necessária relacionada de forma positiva com o rendimento e satisfação de uma equipa. O treinador tem de tentar adaptar a sua conduta real de líder com as preferências dos seus atletas e nas aplicações das tarefas. Nos diversos estudos realizados sobre o tema da liderança no rendimento de uma equipa foi referido que os atletas preferem um estilo de liderança mais autocrático. Isto claro dá-se em atletas com mais anos de experiencia e nível competitivo elevado, onde estes sentem que a formação e instrução são para escalões inferiores. Em termos de género as atletas femininas preferem um líder com um estilo mais democrático.

Independentemente da categoria, os atletas com um alto nível de rendimento desportivo parecem ter preferência por um estilo de liderança com grande capacidade de autoridade e independência para tomar decisões, enquanto os aspetos relacionados com a formação, instrução e aprendizagem são superados (Martin,2007).

Para finalizar a caracterização desta variável, é necessário abordar um aspeto importante e que marca o início das épocas desportivas de qualquer equipa, ou seja a formulação de objetivos. Uma vez definidos estes objetivos, a equipa terá de tentar cumpri-los ao máximo e só depois é que se poderá calcular a eficácia e rendimento desta, por exemplo, no final da época.

A formulação de objetivos irá funcionar como uma estratégia para se regular o comportamento humano. Com estas estratégias os indivíduos iram ter um propósito para

desempenharem uma tarefa, isto porque existe uma relação entre o rendimento e a consciência do indivíduo acerca dos objetivos a alcançar.

Uma vez estabelecidos estes objetivos no início da época, onde por exemplo a equipa tem possibilidades de ganhar um título qualquer, será necessário primeiro estabelecer níveis intermédios, que serão cruciais atingir. Estes níveis deverão ser específicos, desafiantes, realistas mas com um certo grau de dificuldade, definidos de maneira positiva e de acordo com níveis de rendimento anteriores, por exemplo, com a época transata (Cox,1994). É crucial para a entidade coordenadora da equipa, dirigentes treinadores e adjuntos, criar objetivos a curto, medio e longo prazo, de maneira a manter os seus atletas com o foco de atenção direcionado para o objetivo final, mas conscientes das tarefas que serão necessária cumprir para obterem um nível elevado de rendimento. De notar que nos casos de desportos coletivos, a entidade coordenadora, terá de ter em atenção a articulação e coordenação dos objetivos de equipa, mas também dos objetivos individuais dos atletas, por exemplo, pode haver atletas que lutam por um lugar na seleção nacional (Buceta,1994). É necessário e deveras importante para a entidade coordenadora, verificar se o programa de objetivos que foi desenhado se ajusta a qualquer contratempo que possa surgir no rendimento dos atletas no decorrer da época. Passada a fase da formulação de objetivos e dos níveis intermédios é necessário efetuar e desenhar planos de ação que permitam os atletas numa primeira fase atingir os níveis intermédios e depois o objetivo global. Numa primeira fase será necessário debater com o atleta a importância dos objetivos intermédios quer no seu dia-a-dia (treino) quer no cenário competitivo, na fase seguinte tem de existir a delineação das estratégias e métodos de trabalho de maneira a que o atleta possa evoluir nas tarefas que lhe são propostas e por fim será necessário definir quais os melhores métodos de avaliação e feedback que podem ser dados ao atleta e à equipa. Burton (1993), afirmou que uma avaliação contínua do progresso do atleta é essencial quando está em jogo a melhoria do rendimento deste, isto porque um feedback avaliativo dá ao atleta uma imagem do patamar onde este se encontra presentemente em comparação com aquilo que ele tem de atingir para alcançar a melhor forma possível e consequentemente um rendimento mais elevado.

Nos últimos anos os estudos realizados entre rendimento e eficácia coletiva têm crescido, mas gerando conclusões contraditórias. Maclean e Sullivan (2003), ao efetuar um estudo numa equipa universitária de basquetebol masculino, concluíram que não foram encontradas relações consistentes entre Eficácia coletiva e Rendimento. Por outro lado

Meyres, Payment e Feltz (2004), com um desenho mais forte em termos de amostra e número de equipas concluíram de maneira diferente. Num estudo realizado com doze equipas de hóquei no gelo, concluíram que existe uma relação recíproca entre Eficácia Coletiva e Rendimento.

Posto isto, é apresentado um pequeno resumo sobre as duas variáveis (eficácia coletiva e cooperação), seguidas pelas hipóteses que irão ser o objetivo deste estudo. Sendo assim estas duas metodologias são do mais alto interesse estudar uma vez que podem maximizar o rendimento das equipas, com isto a eficácia coletiva é definida pela crença partilhada do grupo que emerge a partir da perceção individual de cada elemento em relação á capacidade que a sua equipa terá para realizar um dita tarefa, ou alcançar um certo objetivo (Bandura,1977). A eficácia coletiva é muitas vezes vista como a eficácia do grupo e é uma extensão da teoria de auto eficácia de Bandura em relação aos grupos. A confiança e perceção de um atleta em relação á sua equipa pode surgir de um fator mais preciso em relação ao rendimento da equipa do que apenas a confiança e perceção que um atleta tem em relação às suas capacidades individuais (Feltz & Lirgg,1998).

A cooperação será outra dinâmica de grupo interessante, e que pode muitas vezes explicar o rendimento que uma equipa irá ter num certa tarefa. Esta metodologia é um processo dinâmico que se reflete na tendência para a equipa trabalhar em conjunto e se manter unida na caminhada para o alcance dos seus objetivos ou na realização de tarefas, bem como a satisfação das necessidades afetivas dos elementos dessa equipa (Paskevich & Mark,1996). A cooperação irá facilitar a produtividade da equipa, bem como o seu rendimento de maneira a que o grupo evolua para um nível de performance maior de maneira a alcançar os seus objetivos mais facilmente.

MODELO DE INVESTIGAÇÃO E HIPÓTESES

A revisão da literatura levou ao desenvolvimento do modelo que se segue e à formulação das hipóteses.

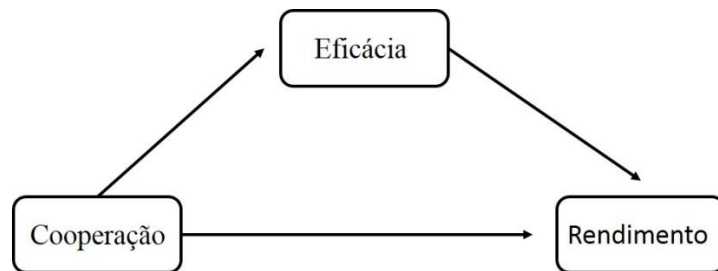


Figura 2 - Modelo de Investigação

Hipótese 1 - A Cooperação tem um impacto positivo no Rendimento Desportivo de uma equipa.

Hipótese 1a - A Cooperação Condicionada tem um impacto positivo no Rendimento Desportivo de uma equipa.

Hipótese 1b - A Cooperação Com o Treinador tem um impacto positivo no Rendimento Desportivo de uma equipa.

Hipótese 1c - A Cooperação Incondicionada tem um impacto positivo no Rendimento Desportivo de uma equipa.

Hipótese 2 – A Eficácia tem um impacto positivo no Rendimento Desportivo de uma equipa.

Hipótese 3 – A Eficácia exerce um efeito mediador na relação entre a Cooperação e o Rendimento Desportivo de uma equipa.

Método

Para se analisar a veracidade do modelo de investigação anteriormente proposto foi realizado um estudo empírico, cujas condições se descrevem seguidamente.

Participantes

O presente estudo foi realizado por uma amostra constituída por 146 participantes, todos do sexo masculino. Estes atletas tinham idades compreendidas entre os 15 e os 35 anos de idade ($M=20.11$; $DP=5.07$).

Relativamente às habilitações literárias estas divergiam em quatro níveis (ensino básico, ensino secundário, frequência de ensino superior, licenciatura ou superior). Na amostra verificou-se que 14.5% tinham o ensino básico, 71% o ensino secundário, 13.1% possuíam a frequência de ensino superior e 1.4% licenciatura ou superior.

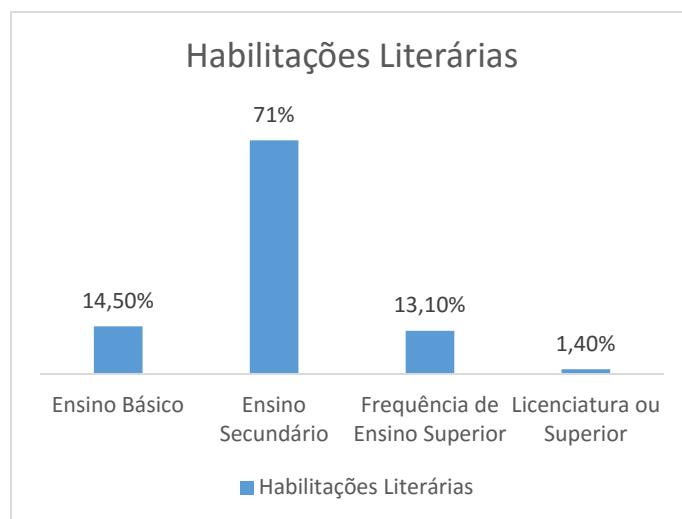


Figura 3- Gráfico das habilitações Literárias

Em relação à modalidade destes atletas verificou-se que 44.5% praticava futebol, 36.3% faziam parte da modalidade de andebol, 18.5% praticavam futsal e por fim apenas um participante praticava a modalidade de basebol constituído assim 0.7% desta amostra

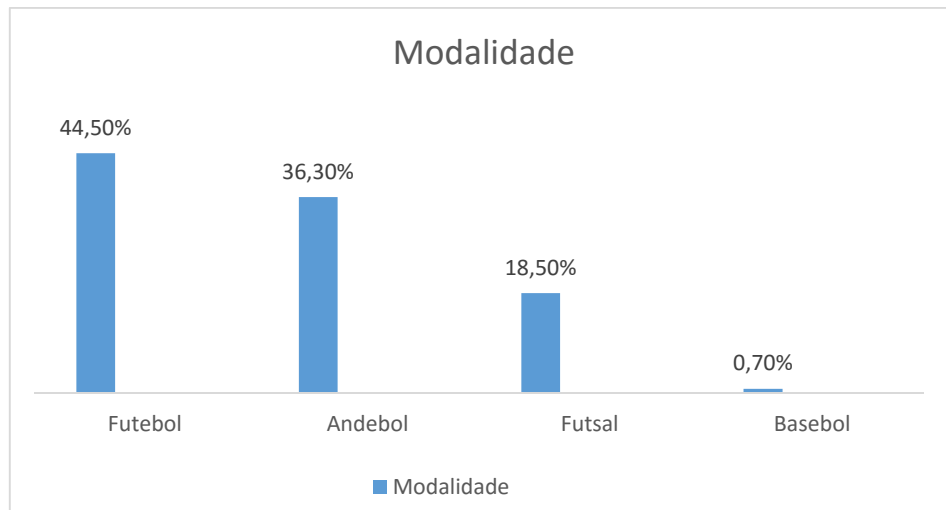


Figura 4- Gráfico das Modalidades Desportivas

Delineamento

Este trabalho é um estudo empírico, correlacional, de carácter explanatório e exploratório, entre variáveis (D' Oliveira, 2007), onde se pretende explorar o impacto da Cooperação na Eficácia Coletiva e no Rendimento Desportivo assim como testar o efeito mediador da Cooperação na relação entre a Eficácia Coletiva e o Rendimento.

A presente investigação é ainda de natureza transversal pois todos os dados foram recolhidos num único momento.

Instrumentos

Eficácia coletiva

Sendo a eficácia coletiva uma das variáveis em estudo, o instrumento utilizado foi o *Collective Efficacy Questionnaire for Sports* (CEQS), criado por Short, Sullivan & Feltz (2001). Este questionário foi traduzido (2005) para a população portuguesa.

Este questionário tem como base a definição de Bandura de eficácia coletiva, ou seja, “a eficácia coletiva diz respeito a uma crença partilhada pelo grupo na sua capacidade para organizar e executar as ações necessárias para alcançar um determinado nível de performance pretendido” (Bandura 1997, cit. por, Short, Sullivan e Feltz, 2005).

Na sua versão original, este questionário era composto por vinte itens, que estavam divididos em cinco escalas, onde estas avaliavam, cinco dimensões de auto eficácia, dimensões estas que são designadas por: capacidade, esforço, competência, preparação e união.

Mas na versão adaptada á população portuguesa, este questionário, inclui mais dez itens, ou seja, é composto por trinta itens no total, encontrando-se também dividido, tal como a versão original, nas cinco sub-escalas.

Sub escalas	Itens
Capacidade	1,5,14,15,21,26
Esforço	8,10,16,17,22,27
Persistência	3,7,9,11,23,28
Preparação	4,12,18,19,24,29
União	2,6,13,20,25,30

Tabela 1- Tabela das sub escalas e itens do CEQS

No princípio deste questionário existe uma nota introdutória que se irá aplicar a todos os itens em avaliação, que servirá de linha de orientação para os participantes no preenchimento do CEQS, essa linha orientadora designa-se por: “classifica, relativamente ao próximo jogo, o grau de confiança que tens de que a tua equipa seja capaz de...”.

Uma escala de Likert de nove pontos, constitui o CEQS, onde esta irá variar entre “Nada Confiante”, até “Extremamente Confiante”, respetivamente entre 0 e 9.

Cooperação

Neste estudo para se avaliar a cooperação, foi utilizado o questionário de cooperação desportiva (QCD-p), desenvolvido por Garcia-Mas no ano de 2006, onde a sua base teórica foi desenvolvida no conceito de cooperação, mas sendo esta aplicado no contexto desportivo.

Nas instruções do QCD, é requerido aos participantes que assinalem “com sinceridade, o seu grau de concordância com as frases seguintes”, uma escala de Likert de cinco pontos variando entre nada (1) e muito (5), irá servir de linha de orientação para os participantes poderem avaliar a sua cooperação dentro da equipa.

Este questionário é constituído por doze itens, sofrendo alterações da sua versão original quando adaptado para a versão portuguesa por Almeida e colaboradores, 2012, mas enquanto a versão portuguesa deste questionário encontra-se dividida em apenas três sub escalas (cooperação condicionada, cooperação incondicionada e cooperação com o treinador, a versão original encontra-se dividida em cinco sub escalas (cooperação condicionada, cooperação incondicionada, cooperação com treinador, cooperação com os colegas de equipa e cooperação fora do campo).

A seguinte tabela é constituída pelas três sub escalas do QCD, na versão utilizada para o estudo, englobando os itens que a constituem.

Sub escala	Itens
Cooperação	4,8,12
Condicionada	
Cooperação	2,6,10,11,13,14
Incondicionada	
Cooperação com o Treinador	5,7,9

Tabela 2 – Tabela das sub escalas e itens do CCD

Rendimento desportivo

Devido à falta de instrumentos que analisassem convenientemente o rendimento desportivo de um atleta, onde a maior parte destes instrumentos é caracterizada por entrevistas realizadas aos atletas ao longo da época desportiva, decidiu-se proceder à realização de um questionário que avaliasse a performance e rendimento dos atletas no decorrer da época presente.

Para tal reuniu-se um grupo de especialistas a que foi feita a seguinte pergunta: “*Quais os parâmetros que usa para avaliar o rendimento desportivo da sua equipa?*”. Este grupo de especialistas era constituído por vários treinadores de modalidades diversas tais como andebol, futebol, futsal, basquetebol, entre outras, todos possuíam o nível quatro de treinadores, com vários anos de experiência não só a treinar, mas também como praticantes das modalidades acima referidas. Depois de se recolher as afirmações do grupo de especialistas, compararam-se as afirmações comuns e a partir daí criou-se o questionário que mais tarde foi alvo de pré-testes junto de atletas de alta competição. Todos estes atletas estavam inseridos numa equipa, isto porque como dito anteriormente o objetivo deste estudo teria como alvo avaliar as três variáveis em equipas coletivas.

O questionário do rendimento desportivo é constituído por trinta e um itens, avaliados numa escala de Likert de sete pontos, ou seja, a escala varia entre o valor 1 e o valor 7, sendo estes respetivamente: “*nunca*” e “*sempre*”.

Nesta versão, o questionário está dividido em quatro subescalas: ações técnicas, ações táticas, aspetos físicos e aspetos psicológicos. A seguinte tabela apresenta os itens que constituem as quatro sub escalas.

Sub escala	Itens
Ações táticas	3,7,10,18,23,26,27,29
Aspetos físicos	5,13,20,25
Aspetos psicológicos	2,4,6,9,11,12,14,16,17,19,21,24,30,31

Tabela 3- Tabela de sub escalas e itens do questionário do rendimento

Procedimento

O presente estudo foi constituído por uma amostra não probabilística. Logo neste tipo de amostragem a probabilidade de um indivíduo pertencer à amostra não é a mesma de outros indivíduos, criando assim um efeito de que os participantes que constituem a amostra podem ser ou não representativos da população em estudo (Maroco,2010). Os indivíduos foram selecionados por conveniência, onde Maroco (2010), refere que neste tipo de amostra o elementos são selecionados pela conveniência do investigador, por voluntariado, ou acidentalmente.

Os pré requisitos para os indivíduos fazerem parte desta amostra eram os seguintes: ter uma idade igual ou superior a 15 anos, e fazerem parte de uma equipa desportiva onde a sua modalidade fosse feita em equipa. Os questionários eram de auto preenchimento, assegurando o anonimato e confidencialidade aos atletas que os preencheram. Para tal foi necessário abordar os clubes, quer por via telefónica quer por contacto pessoal com algum dirigente ou um representante do clube para se distribuírem os questionários. Uma vez dada a “luz verde” para se avançar com a recolha de dados foram marcados horários com os diferentes treinadores. Os questionários foram inteiramente recolhidos presencialmente com deslocação às coletividades acima referidas.

Os indivíduos participaram neste estudo de forma voluntária, não tendo obtido qualquer espécie de recompensa pela sua participação. Uma vez efetuada a recolha dos dados estes foram inseridos e tratados estatisticamente com a ajuda do programa estatístico SPSS- *Statistical Package for the Social Sciences* (versão 22, para o Windows).

Resultados

Em primeiro lugar testaram-se as qualidades métricas de todos os instrumentos utilizados neste estudo.

Para o estudo da validade dos instrumentos recorreu-se à análise Fatorial Confirmatória.

Análise Fatorial Confirmatória (AFC)

A AFC é usada para avaliar a qualidade de ajustamento de um modelo de medida teórico à estrutura correlacional observada entre as variáveis manifestas (itens) (Marôco, 2010).

O primeiro passo será analisar o valor do χ^2 (qui-quadrado), juntamente com os graus de liberdade e um valor de probabilidade de modo a termos uma ideia do ajustamento do modelo aos dados amostrais, uma vez que a sensibilidade do teste da razão de verosimilhança ao tamanho da amostra assenta na distribuição central do χ^2 que assume que o modelo se ajusta perfeitamente à população.

De modo a serem contornadas as limitações do teste do χ^2 foram desenvolvidos índices de ajustamento (*goodness-of-fit*) pelos investigadores para se avaliar o modelo. Os mais utilizados são os que se encontram na tabela abaixo (Tabela 5).

Tabela 4 – Índices de Ajustamento para Modelos Fatoriais (Valores de Referência)

Índices de Ajustamento	de Critérios	Nível de adequação	de Mensuração
χ^2/df Razão qui-quadrado/ graus de liberdade	≤ 5.00	Excelente	Avalia a magnitude discrepância entre a amostra e as matrizes das covariâncias de adequação (Smith & McMillan, 2001).
TLI Tucker-Lewis Index	$>.90$ $>.95$	Satisfatório Excelente	Compara o modelo testado com o modelo nulo restrito, onde todas as variáveis observadas são assumidas como independentes. (Bentler e Bonnet, 1980).
GFI Goodness-of-fit Index	$>.90$ $>.95$	Satisfatório Excelente	Compara a capacidade de um modelo para produzir a matriz de variância/covariância com a possibilidade de nenhum modelo o fazer (Smith & McMillan, 2001).
CFI Comparative Fit Index	$>.90$ $>.95$	Satisfatório Excelente	Alternativa ao NFI, sendo mais preciso em amostras de tamanho reduzido (Smith & McMillan, 2001).
RMSEA Root Mean Square Error of Approximation	$<.08$ $<.05$	Satisfatório Excelente	Estima a quantidade de aproximação de erros, por graus de liberdade, tendo em conta o tamanho da amostra (Kline, 1998)

Escala de Cooperação Validade

Foi realizada a Análise Fatorial Confirmatória da Escala de Cooperação a três fatores. Desenvolveu-se um modelo teórico a três fatores e estabeleceram-se os respetivos diagramas de caminho.

Do Modelo a três Fatores fazem parte os seguintes fatores: Cooperação Condicionada (composto pelos itens 4, 8 e 12); Cooperação com o treinador (composto pelos itens 5, 7 e 9); Cooperação Incondicionada (composto pelos itens 2, 6, 10, 11, 13 e 14).

Realizada a Análise Fatorial Confirmatória verificou-se que os índices de ajustamento são os adequados ($\chi^2/df \leq 5.00$; $GFI >.90$; $CFI >.90$; $RMSEA <.08$), o que

significa que os participantes perceberam esta escala como sendo constituída por 3 dimensões (Tabela 5).

Tabela 5- Resultados da Análise Fatorial Confirmatória da escala de Cooperação

X²/gl	TLI	CFI	GFI	RMSEA
1.93	.94	.96	.91	.080

Fiabilidade

Com a finalidade de se testar a consistência interna desta escala foi calculado o *alpha de Cronbach* para este instrumento que apresenta um *alpha de Cronbach* no valor de . 2, o que significa que tem uma consistência interna muito boa, muito acima do mínimo aceitável em estudos organizacionais (Bryman & Cramer, 2003) (Anexo C). Verifica-se também que o valor inicial de *alpha de Cronbach* não melhoraria se se retirasse qualquer item. Quanto às suas dimensões verifica-se que a Cooperação Incondicionada Assim como a Cooperação com o Treinador têm uma boa consistência interna pois o seu valor de *alpha de Cronbach* é superior a .80 e a Cooperação Condicionada tem uma consistência interna razoável com um *alpha de Cronbach* de .79 (Tabela 6).

Tabela 6 - Fiabilidade da escala de Cooperação e suas dimensões

Escala	Sub-escalas	α	Classificação
Cooperação	Condicionada	.79	Razoável
	Com o treinador	.83	Boa
	Incondicionada	.89	Boa

Sensibilidade

Nesta escala nenhum os itens 1, 14 e 15 tem a mediana encostada a um dos extremos, todos os itens têm resposta em todos os pontos, os valores absolutos de assimetria e achatamento encontram-se abaixo de 3 e 8 respetivamente, o que significa que nenhum viola grosseiramente a normalidade (Kline, 1998) (Anexo C).

A escala não apresenta distribuição normal, no entanto, pode-se afirmar que não violam grosseiramente a normalidade pois os valores absolutos de assimetria e achatamento encontram-se abaixo de 3 e 8 respetivamente (Kline, 1998), pelo que as podemos utilizar nas análises estatísticas seguintes (Tabela 7).

Tabela 7 - Sensibilidade da escala de Cooperação e suas dimensões

Escala Dimensões	ϵ KS	P	Assimetria	Achatamento
Cooperação	.12	<.001	1.43	2.54
Cooperação Condicionada	.14	<.001	1.05	.98
Cooperação com o treinador	.13	<.001	.96	1.43
Cooperação Incondicionada	.19	<.001	1.62	2.53

Escala de Rendimento

Validade

Como estamos perante uma escala nova, pois foi criada no âmbito do seminário de dissertação será feita uma Análise Fatorial Exploratória e de seguida uma Análise Fatorial Confirmatória de modo a confirmar a estrutura fatorial da escala.

Análise Fatorial Exploratória

Realizou-se a análise fatorial exploratória e obteve-se um valor de KMO de .97 que pode ser considerado excelente (Sharma, 1996) e o teste de esfericidade de Bartlett foi significativo a $p < 0,001$, sendo valores aceitáveis para prosseguir a análise, assim como são um indicador de os dados serem provenientes de uma população normal multivariada (Pestana & Gageiro, 2003). Verificou-se que a estrutura fatorial desta escala assenta num fator, que explica 71.31% da variabilidade total da escala (Anexo D).

Análise Fatorial Confirmatória

Foi realizada a Análise Fatorial Confirmatória da Escala de Rendimento a um fator de modo a confirmar-se a estrutura fatorial obtida na análise fatorial exploratória. Desenvolveu-se um modelo teórico a um fator, do qual fazem parte todos os itens que compõem esta escala e estabeleceram-se os respetivos diagramas de caminho.

Realizada a Análise Fatorial Confirmatória verificou-se que nem todos os índices de ajustamento são os adequados ($\chi^2/\text{gl} \leq 5.00$; GFI > .90; CFI > .90; RMSEA < .08 (Tabela 8 e Anexo D), sendo apenas um dos valores inaceitável. Isto significa que os participantes percecionaram esta escala como sendo constituída por um fator.

Tabela 8 - Resultados da Análise Fatorial Confirmatória da escala de Rendimento

X²/gl	TLI	CFI	GFI	RMSEA
2.42	.89	.90	.67	.099

Fiabilidade

Foi calculado o *alpha de Cronbach* para este instrumento que apresenta um *alpha de Cronbach* no valor de .99, o que significa que tem uma excelente consistência interna, muito acima do mínimo aceitável em estudos organizacionais (Bryman & Cramer, 2003) (Anexo D). Verifica-se também que o valor inicial de *alpha de Cronbach* não melhoraria se se retirasse qualquer item.

Tabela 9 – Valor de alpha de Cronbach da variável Rendimento Desportivo

Escala	Alpha de Cronbach
Rendimento	.99

Sensibilidade

Nesta escala nenhum dos itens tem a mediana encostada a um dos extremos, todos os itens têm resposta em todos os pontos, os valores absolutos de assimetria e achatamento encontram-se abaixo de 3 e 8 respetivamente, o que significa que nenhum viola grosseiramente a normalidade (Kline, 1998) (Anexo D).

A escala não apresenta distribuição normal, no entanto, pode-se afirmar que não violam grosseiramente a normalidade pois os valores absolutos de assimetria e achatamento encontram-se abaixo de 3 e 8 respetivamente (Kline, 1998), pelo que as podemos utilizar nas análises estatísticas seguintes (Tabela 10).

Tabela 10 – Sensibilidade da escala de Rendimento Desportivo

Escala	KS	<i>p</i>	Assimetria	Achatamento
Rendimento	.20	<.001	-1.82	3.05

Escala de Eficácia coletiva

Validade

Análise Fatorial Confirmatória

Foi realizada a Análise Fatorial Confirmatória da Escala de Eficácia Coletiva a um fator. Desenvolveu-se um modelo teórico a um fator, do qual fazem parte todos os itens que compõem esta escala e estabeleceram-se os respetivos diagramas de caminho. Retirou-se o item 26 por apresentar um baixo peso fatorial.

Realizada a Análise Fatorial Confirmatória verificou-se que nem todos os índices de ajustamento são os adequados ($\chi^2/gl \leq 5.00$; GFI > .90; CFI > .90; RMSEA < .08 (Tabela 11 e Anexo D), sendo dois dos valores inaceitáveis. Isto significa que os participantes percecionaram esta escala como sendo constituída por um fator.

Tabela 11 - Resultados da Análise Fatorial Confirmatória da escala de Eficácia Coletiva

X²/gl	TLI	CFI	GFI	RMSEA
3.00	.88	.89	.64	.117

Fiabilidade

Foi calculado o *alpha de Cronbach* para este instrumento que apresenta um *alpha de Cronbach* no valor de .99, o que significa que tem uma excelente consistência interna, muito acima do mínimo aceitável em estudos organizacionais (Bryman & Cramer, 2003) (Anexo D). Verifica-se também que o valor inicial de *alpha de Cronbach* não melhoraria se se retirasse qualquer item.

Tabela 12 – Valor de alpha de Cronbach da variável Eficácia Coletiva

Escala	<i>Alpha de Cronbach</i>
Eficácia Coletiva	.99

Sensibilidade

Nesta escala nenhum dos itens tem a mediana encostada a um dos extremos, nem todos os itens têm resposta em todos os pontos, os valores absolutos de assimetria e achatamento encontram-se abaixo de 3 e 8 respetivamente, o que significa que nenhum viola grosseiramente a normalidade (Kline, 1998) (Anexo D).

A escala não apresenta distribuição normal, no entanto, pode-se afirmar que não violam grosseiramente a normalidade pois os valores absolutos de assimetria e achatamento encontram-se abaixo de 3 e 8 respetivamente (Kline, 1998), pelo que as podemos utilizar nas análises estatísticas seguintes (Tabela 13).

Tabela 13 – Sensibilidade da escala de Eficácia Coletiva

Escala	KS	<i>p</i>	Assimetria	Achatamento
Eficácia Coletiva	.19	<.001	-2.21	5.47

Estatística Descritiva das Variáveis em Estudo

Analisando as variáveis em estudo verifica-se que a Cooperação ($M = 1.90$; $DP = .70$) se encontra muito abaixo do ponto médio da escala, ou seja, os participantes deste estudo perceberam uma baixa Cooperação. O mesmo acontece em relação às dimensões desta escala sendo a Cooperação Condicionada a que tem uma média mais elevada ($M = 1.99$; $DP = .81$) e a Cooperação Incondicionada a média mais baixa ($M = 1.77$; $DP = .76$) (Tabela 14, Anexo F).

O rendimento ($M = 5.53$; $DP = 1.22$) encontra-se acima do ponto médio da escala o que nos diz que os participantes deste estudo revelaram ter um bom rendimento desportivo (Tabela 14 e Anexo F).

Quanto à Eficácia Coletiva ($M = 7.52$; $DP = 1.48$) encontra-se acima do ponto médio da escala o que significa que os participantes revelaram sentir que possuem uma elevada eficácia coletiva (Tabela 14 e Anexo F).

Testes de Hipóteses

Correlações

A fim de se estudar a direção e a intensidade das relações entre as variáveis (Bryman & Cramer, 2003), recorreu-se ao estudo das correlações de *Pearson* (Tabela 14 e Anexo G).

Ao analisar-se a tabela 14 verifica-se que a Cooperação se correlaciona significativamente com o Rendimento ($r=.49$; $p<.01$), o mesmo acontecendo a todas as suas dimensões cujas correlações têm os seguintes valores: Cooperação Condicionada ($r=.47$; $p<.01$); Cooperação com o Treinador ($r=.40$; $p<.01$); Cooperação Incondicionada ($r=.44$; $p<.01$). A Cooperação correlaciona-se ainda significativamente e positivamente

com a Eficácia coletiva ($r=.57$; $p<.01$) O Rendimento correlaciona-se positiva e significativamente com a Eficácia Coletiva ($r=.50$; $p<.01$) , ou seja, quanto maior a percepção de Eficácia Coletiva mais elevado o rendimento desportivo dos atletas.

Tabela 14 - Correlações entre as variáveis, Médias e Desvio Padrão

	Média	Desvio Padrão	1	1.1	1.2	1.3	2	3
1. Cooperação	1.90	.70	1					
1.1. Cooperação Condicionada	2.00	.81	,905**	1				
1.2. Cooperação com o Treinador	1.95	.74	,862**	,661**	1			
1.3. Cooperação Incondicionada	1.77	.76	,920**	,729**	,733**	1		
2. Rendimento Desportivo	5.53	1.22	,490**	,469**	,395**	,444**	1	
3. Eficácia Coletiva	7.52	1.48	,566**	,472**	,550**	,519**	,498**	1

Nota: * $p<.05$; ** $p<.01$

Hipóteses

Hipótese 1 - A Cooperação tem um impacto positivo no Rendimento Desportivo de uma equipa.

Hipótese 1a - A Cooperação Condicionada tem um impacto positivo no Rendimento Desportivo de uma equipa.

Hipótese 1b - A Cooperação Com o Treinador tem um impacto positivo no Rendimento Desportivo de uma equipa.

Hipótese 1c - A Cooperação Incondicionada tem um impacto positivo no Rendimento Desportivo de uma equipa.

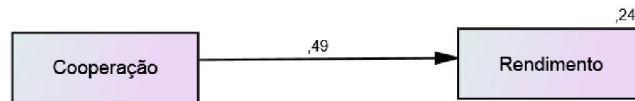


Figura 5 - Efeito da Cooperação no Rendimento Desportivo

A trajetória “Cooperação → Rendimento Desportivo “($\beta_{Coop} = .49$; $z=6.77$; $p < .001$), é positiva e significativa. Obteve-se um $R^2 = .24$, o que significa que a Cooperação é responsável por 24% da variabilidade do Rendimento Desportivo. Estes resultados indicam que quanto maiores os níveis de Cooperação melhor o Rendimento Desportivo de uma equipa (Figura 4 e Anexo H).

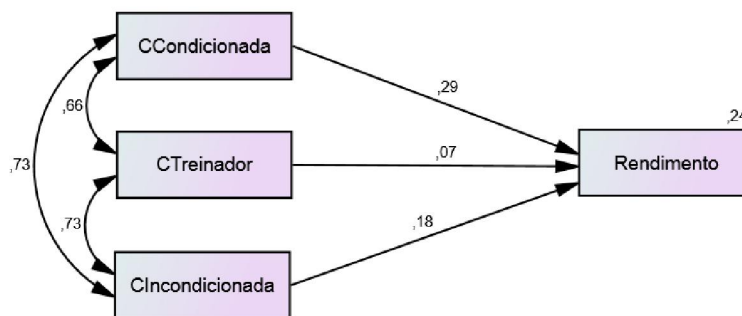


Figura 6 - Efeito das dimensões da Cooperação no Rendimento Desportivo

A trajetória “CCondicionada → Rendimento Desportivo “($\beta_{CC} = .29$; $z=2.64$; $p = .008$), é positiva e significativa. A trajetória “CTreinador → Rendimento Desportivo “($\beta_{CC} = .07$; $z=.65$; $p = .515$), é positiva mas não é significativa. A trajetória “CIncondicionada → Rendimento Desportivo “($\beta_{CI} = .18$; $z= 1.50$; $p= .135$), é positiva mas não é significativa. Obteve-se um $R^2 = .24$, o que significa que as três dimensões da Cooperação (Cooperação Condicionada, Cooperação com o Treinador e Cooperação Incondicionada) são responsáveis por 24% da variabilidade do Rendimento Desportivo. Estes resultados indicam que quanto mais elevados os níveis das três dimensões da

Cooperação mais elevado o Rendimento Desportivo de uma equipa (Figura 5 e Anexo H).

Hipótese 2 – A Eficácia tem um impacto positivo no Rendimento Desportivo de uma equipa.

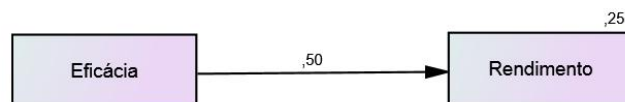


Figura 7 - Efeito da Eficácia no Rendimento

A trajetória “Eficácia → Rendimento Desportivo” ($\beta_E = .50$; $z=6.92$; $p < .001$), é positiva e significativa. Obteve-se um $R^2 = .25$, o que significa que a Eficácia é responsável por 25% da variabilidade do Rendimento Desportivo. Estes resultados indicam que quanto maiores os níveis de Eficácia melhor o Rendimento Desportivo de uma equipa. (Figura 6 e Anexo H).

Hipótese 3 – A Eficácia exerce um efeito mediador na relação entre a Cooperação e o Rendimento Desportivo de uma equipa.

Teste do Efeito de Mediação da Eficácia Coletiva

Com o intuito de se testar o efeito mediador da Eficácia na relação entre a Cooperação e o Rendimento, utilizaram-se os procedimentos de Baron & Kenny (1986), que sugerem a verificação de 3 condições previamente à realização no teste do efeito mediador.

A primeira condição é a de que a variável independente deve ter um impacto significativo na variável dependente.

A segunda condição é a de que a variável independente deve ter um impacto significativo na variável mediadora.

A terceira condição é a de que a variável mediadora deve ter um impacto significativo na variável dependente.

Após assegurados os três pressupostos anteriores, a relação entre a variável independente e a variável dependente deve ser significativamente enfraquecida (mediação parcial) ou não significativa (mediação total) quando a variável mediadora é incluída no modelo.

A primeira e a terceira condição confirmaram-se nas hipóteses 1 e 2. A segunda condição confirmou-se através da tabela de correlações.

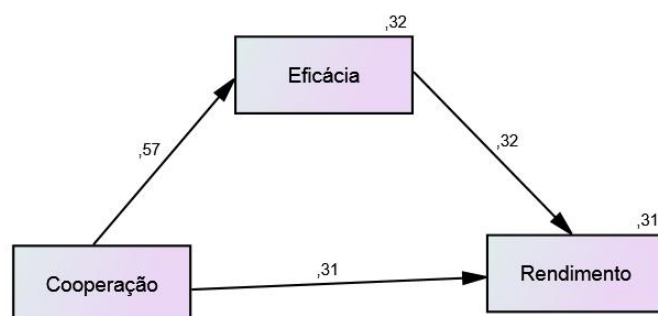


Figura 8 - Mediação da Eficácia na relação entre a Cooperação e o Rendimento

A trajetória “Cooperação \rightarrow Rendimento Desportivo “($\beta_C = .31$; $z = 3.66$; $p < .001$), é positiva e significativa. A trajetória “Cooperação \rightarrow Eficácia “($\beta_C = .57$; $z = 8.28$; $p < .001$), é positiva e significativa. A trajetória “Eficácia \rightarrow Rendimento Desportivo “($\beta_E = .32$; $z = 3.89$; $p < .001$), é positiva e significativa. Obteve-se um $R^2 = .31$, o que significa que a Eficácia e a Cooperação são responsáveis por 31% da variabilidade do Rendimento Desportivo. Estes resultados indicam que a Eficácia entra no modelo o impacto da Cooperação no Rendimento Desportivo continua a ser significativo mas enfraqueceu, o que nos indica que estamos perante um efeito de mediação parcial (Figura 7 e Anexo H).

De modo a confirmar-se o Efeito de Mediação Parcial realizou-se ainda o teste de Sobel, no qual se obteve um $Z = 3.27$ e um $p < .001$, o que confirmou o efeito de mediação parcial.

Seguidamente fomos verificar este efeito de mediação da Eficácia na relação entre as dimensões da Cooperação e o Rendimento Desportivo.

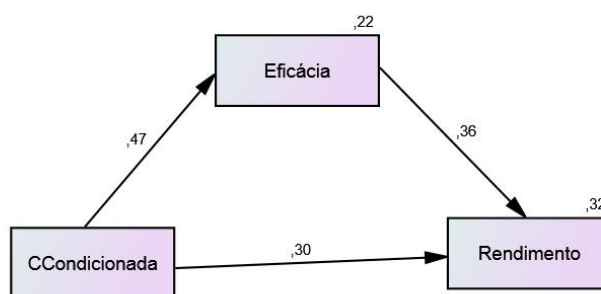


Figura 9 - Mediação da Eficácia na relação entre a Cooperação Condicionada e o Rendimento

A trajetória “Cooperação Condicionada → Rendimento Desportivo” ($\beta_{CC} = .30$; $z=3.86$; $p < .001$), é positiva e significativa. A trajetória “Cooperação Condicionada → Eficácia” ($\beta_{CC} = .47$; $z=6.45$; $p < .001$), é positiva e significativa. A trajetória “Eficácia → Rendimento Desportivo” ($\beta_E = .36$; $z=4.58$; $p < .001$), é positiva e significativa. Obteve-se um $R^2 = .32$, o que significa que a Eficácia e a Cooperação Condicionada são responsáveis por 32% da variabilidade do Rendimento Desportivo. Estes resultados indicam que a Eficácia entra no modelo o impacto da Cooperação Condicionada no Rendimento Desportivo continua a ser significativo mas enfraqueceu, o que nos indica que estamos perante um efeito de mediação parcial (Figura 8 e Anexo H).

De modo a confirmar-se o Efeito de Mediação Parcial realizou-se ainda o teste de Sobel, no qual se obteve um $Z=3.92$ e um $p < .001$, o que confirmou o efeito de mediação parcial.

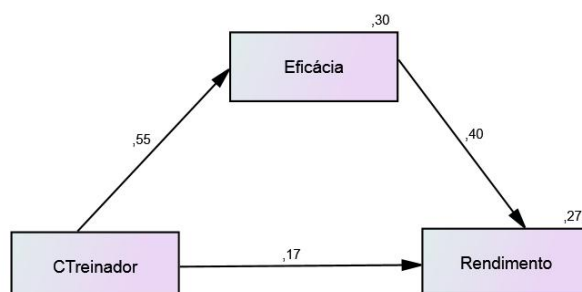


Figura 10 - Mediação da Eficácia na relação entre a Cooperação com o Treinador e o Rendimento

A trajetória “Cooperação com o Treinador → Rendimento Desportivo” ($\beta_{CT} = .17$; $z=2.05$; $p = .041$), é positiva e significativa. A trajetória “Cooperação com o Treinador → Eficácia” ($\beta_{CT} = .55$; $z=7.94$; $p < .001$), é positiva e significativa. A trajetória “Eficácia → Rendimento Desportivo” ($\beta_E = .40$; $z=4.74$; $p < .001$), é positiva e significativa. Obteve-se um $R^2 = .27$, o que significa que a Eficácia e a Cooperação com o Treinador são responsáveis por 27% da variabilidade do Rendimento Desportivo. Estes resultados indicam que a Eficácia entra no modelo o impacto da Cooperação com o Treinador no Rendimento Desportivo continua a ser significativo mas enfraqueceu, o que nos indica que estamos perante um efeito de mediação parcial (Figura 9 e Anexo H).

De modo a confirmar-se o Efeito de Mediação Parcial realizou-se ainda o teste de Sobel, no qual se obteve um $Z=2.00$ e um $p=.022$, o que confirmou o efeito de mediação parcial.

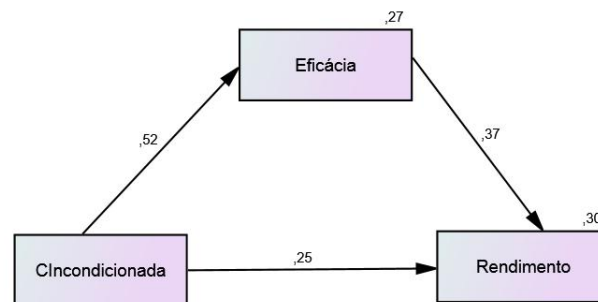


Figura 11 - Mediação da Eficácia na relação entre a Cooperação Incondicionada e o Rendimento

A trajetória “Cooperação Incondicionada → Rendimento Desportivo” ($\beta_{CI} = .25$; $z=3.12$; $p = .002$), é positiva e significativa. A trajetória “Cooperação Incondicionada → Eficácia” ($\beta_{CI} = .52$; $z=7.31$; $p < .001$), é positiva e significativa. A trajetória “Eficácia → Rendimento Desportivo” ($\beta_E = .37$; $z=4.50$; $p < .001$), é positiva e significativa. Obteve-se um $R^2 = .30$, o que significa que a Eficácia e a Cooperação Incondicionada são responsáveis por 30% da variabilidade do Rendimento Desportivo. Estes resultados indicam que a Eficácia entra no modelo o impacto da Cooperação Incondicionada no Rendimento Desportivo continua a ser significativo mas enfraqueceu, o que nos indica que estamos perante um efeito de mediação parcial (Figura 10 e Anexo H).

De modo a confirmar-se o Efeito de Mediação Parcial realizou-se ainda o teste de Sobel, no qual se obteve um $Z=2.83$ e um $p=.002$, o que confirmou o efeito de mediação parcial.

Discussão

No Capítulo anterior foram apresentados os resultados para cada uma das hipóteses em estudo. Este capítulo de discussão, tem o objetivo de sintetizar a relação entre os resultados obtidos e os objetivos delineados para o estudo.

O estudo de modelo de investigação, como referido anteriormente, consiste em 6 hipóteses estudadas por dimensão de cada variável. Em primeiro lugar pretendeu-se analisar os impactos da Cooperação no Rendimento Desportivo.

A primeira hipótese pretendia analisar se a Cooperação tinha um impacto positivo no Rendimento Desportivo, tal foi confirmado, como seria de esperar, visto que na revisão de literatura todos os autores apontavam para o mesmo, ou seja, quanto maior o nível de cooperação entre os atletas maior será o seu rendimento desportivo.

Dentro da primeira hipótese, existiam três hipóteses secundárias, estas procuravam analisar se existia um impacto positivo entre as três dimensões de Cooperação e o Rendimento desportivo. A hipótese 1a e a hipótese 1b foram confirmadas, ou seja, tiveram um impacto positivo e significativo no rendimento desportivo, apenas a hipótese 1c foi positiva e não significativa. Sendo assim como as hipóteses 1a e 1b diziam respeito à cooperação condicionada e à cooperação com o treinador pode-se afirmar que os atletas desta amostra optam por cooperar com uma pré-disposição para uma vertente pessoal e de acordo com a definição e cooperação condicionada de Garcia –Mas (1994) os atletas cooperam condicionalmente esperando receber algo em troca , ou seja, para estes alcançarem os objetivos que lhes foram propostos, optam por cooperar com os seus colegas e treinadores. Apesar da hipótese 1c ter sido confirmada, verifica-se que os atletas cooperam incondicionalmente mas de forma mais reduzida, ou seja, não estão apenas

preocupados com o seu êxito pessoal, optando por ajudar a equipa a ultrapassar as dificuldades, ou seja, estão prée dispostos a cooperar (Garcia-Mas, 1994).

A segunda hipótese em estudo pretendia analisar os impactos da Eficácia coletiva no Rendimento Desportivo, esta hipótese também foi confirmada uma vez que a Eficácia explicava 25% do rendimento de uma equipa, este valor foi superior ao da primeira hipótese (A cooperação explicava 24% do rendimento de uma equipa), pode-se então concluir que os atletas partilham todos a crença de que são capazes de organizar e executar os melhores procedimentos de maneira a alcançarem os objetivos (Bandura 1997). Também de acordo com o estudo efetuado por Martinez-Santos e Ciruelos (2013), equipas com altos níveis de eficácia coletiva obtinham um rendimento significativamente melhor do que equipas com um nível baixo de eficácia.

Por ultimo procedeu-se á análise da terceira variável em estudo, ou seja, a Eficácia Coletiva exerce um efeito mediador na relação entre a Cooperação e o Rendimento Desportivo de uma equipa, para se testar os pressupostos para o teste de mediação, foi possível verificar através de regressões lineares que existem correlações significativas entre as variáveis em estudo, assim pode-se concluir que os pressupostos para um teste de mediação foram comprovados. Seguidamente, foram testados os efeitos de mediação e verificou-se que a terceira hipótese em estudo foi confirmada, mas os seus efeitos de mediação foram apenas parciais, uma vez que, quando se introduz no modelo a varável moderadora (eficácia coletiva), o impacto da variável preditora (cooperação) na variável de critério (rendimento) enfraquece mas nunca perde o seu valor significativo. O mesmo efeito foi verificado quando se efetuou o mesmo teste de mediação para as três dimensões da cooperação (condicionada, incondicionada e com o treinador), onde a que teve um maior efeito mediador terá sido a cooperação com o treinador uma vez que, como dito anteriormente, depois de se realizar de um teste de Sobel obteve-se um $Z=2.00$, ora isto pode indicar que os atletas preferem cooperar com o treinador em vez de cooperarem só entre si. Estes resultados podem ter sido estabelecidos em relação á situação e contextos em que os jogadores se encontravam, influenciando assim as suas tomadas de decisão. Os atletas podem ter estabelecido uma relação forte com os seus treinadores logo conclui-se então estes cooperam de uma melhor forma se estiverem em sintonia com o treinador, porque desta forma podem evoluir mais depressa a todos os níveis de jogo, obtendo um rendimento mais elevado esperar uma possível chamada à seleção nacional (Almeida e Lameiras, 2013).

Sendo assim e de uma forma geral, que quer a cooperação quer a eficácia coletiva têm efeitos positivos no rendimento das equipas, o que já seria esperado uma vez que a revisão de literatura aponta que estes dois fenómenos quando usados pelas equipas levam a que estas alcancem os objetivos pretendidos, com uma melhor execução de tarefas e um bom nível de performance.

Implicações

Implicações teóricas

Para estudos futuros fica a sugestão de uma amostra maior, uma vez que a amostra do presente estudo é algo reduzida. Uma maior amostra iria possibilitar um estudo mais forte ao nível da mediação da eficácia coletiva na relação entre a cooperação e o rendimento,. Fica também a sugestão da procura de uma amostra com uma media de idades mais elevadas, isto porque pode beneficiar a total compreensão dos questionários por parte dos atletas, esta sugestão dá-se devido ao facto dos questionários da eficácia coletiva e do rendimento terem uma grande dimensão, a maior parte dos atletas com idades compreendidas entre os 15 e os 17 anos perdiam frequentemente a paciência para os preencher, demonstrando diversas vezes o seu desagrado devido à extensão destes questionários. Para estudos futuros fica também a sugestão em relação ao método da recolha de dados, é aconselhável que estes sejam entregues, preenchidos e recolhidos na altura evitando assim a possível “perca” de questionários quer por parte dos atletas quer por parte dos treinadores. Se possível combinar com o treinador horários, de preferência antes de um treino, em que a equipa possa estar toda presente de maneira a que o preenchimento dos questionários seja feito com calma e atenção.

Implicações praticas

Como os resultados obtidos neste estudo foram todos confirmados pela literatura, seria aconselhável que os treinadores de diferentes modalidades coletivas desportivas recebessem uma melhor formação ao nível da cooperação e eficácia coletiva e quais os

seus efeitos e benefícios nos atletas, de maneira a que estes possam utilizar os dois conceitos mais adequadamente, possibilitando assim um melhor rendimento às suas equipas.

Referencias Bibliográficas

- Almeida, P. L., & Lameiras, J. (2013). You'll Never Walk Alone: Cooperação como paradigma explicativo das equipas desportivas. *Revista de Psicologia del Deporte*, pp. 517-523.
- Almeida, P. L., Garcia-Mas, A., Lameiras, J., Olmedilla, A., Ortega, E., & Marins, S. (2012). *Avaliação da Percepção de Cooperação Desportiva: Propriedades Psicométricas da Adaptação Portuguesa do CCD*, Laboratório de Psicologia pp. 35-46.
- Ardua, C., & Márquez, S. (2008). *Relation between coaches leadership style and performance in synchronous swimming*, Facultad de Ciencias de la Actividad Física y el Deporte, Universidad de León. pp. 394-398.
- Bandura, A. (1997). *Self-efficacy. The exercise of control*. New York: W. H. Freeman and Company.
- Baron, R. M., & Kenny, D. A. (1986). The Moderator-Mediator Variable Distinction in Social Psychological Research: Conceptual, Strategic, and Statistical Considerations. *Journal of Personality and Social Psychology*, 51 (6), 1173-1182.
- Beauchamp, M. (2007). Efficacy Beliefs Within Relational and Group Contexts in Sport. *Em S. Jowett, & D. Lavallee, Social Psychology in Sport (pp. 181-193)*. Champaign, IL: Human Kinetics.
- Bentler, P. M., & Bonnet, D. G. (1980). Significance tests and goodness of fit in the analysis of covariance structures. *Psychological Bulletin*, 88, 588-606.
- Bryman, A., & Cramer, D. (2003). *Análise de dados em ciências sociais. Introdução às técnicas utilizando o SPSS para windows (3ª Ed.)*. Oeiras: Celta

- Castilla, J. F., & Ramos, L. C. (2012). Rendimiento deportivo, estilos de liderazgo y evitación experiencial en jóvenes futbolistas almerienses, *Revista de Psicología del Deporte* pp. 137-142.
- Cratty, B. J., & Hanin, Y. (1980). *The athlete in the sports team, social psychology guidelines for coaches and athletes*. . Denver: Love Publishers.
- Deutsch, M. (2000). *The handbook of conflict resolution: theory and practice*. . San Francisco: Jossey-Bass.
- Deutsh, M. (2001). Cooperation and Conflict Resolution: Implications for Consulting Psychology. *Consulting Psychology Journal: Practice and Research*, pp. 76-81.
- D'Oliveira, T. (2007). *Teses e dissertações – recomendações para a elaboração e estruturação de trabalhos científicos* (2ª ed.). Lisboa: Editora RH
- Estevan, I., Álvarez, O., Falcó, C., & Castillo, I. (2014).. *Self - efficacy and performance of the roundhouse kick in taekwondo*, *Revista de Artes Marciales Asiáticas* , pp. 97-106.
- Feltz, D. L., & Lirgg, C. (1998). *Jornal of Applied Psychology. Percieved Team and Palyer Efficacy in Hockey*, pp. 557-564.
- Feltz, D., Short, S., & Sullivan, P. (2008). *Self Efficacy in Sports Research and Strategies for Working With Athletes, Teams and Coaches*. Champaign, Illinois: Human Kinetics.
- Fernades, T. (2007). *A Eficácia de um Programa de Formulação de Objetivos no Rendimento e na Preparação das Competências Psicologicas em Joves Atletas Participantes de Raguebi*. Lisboa: Monografia de Licenciatura em Psicologia Social e das Organizações, Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Francisco., & D'Oliveira, T. (2005). *A Eficácia Coletiva nas Equipas Desportivas: Adaptação do CEQS- Questionário de Eficácia Coletiva NO DEsporto- aos Escalões de Formação de Futebol*. Lisboa: Monografia de Licenciatura em Psicologia Clinica, Instituto Superiro de Psicologia Aplicada.
- Garcia-Mas, A. (2001). *Cooperación y competición en equipos deportivos: un estudio preliminar*, *Análise Psicológica* pp. 115-130.
- Garcia-Mas, A., & Bauzá, P. (1994). La Psicología del Equipo Deportivo: Cooperación y Rendimiento. *Revista de Psicología del Deport*, pp. 79-87.

- Garcia-Más, A., Olmedilla, A., Morilla, M., Rivas, C., Quinteiro, E., & Toro, E. (2006). Un Nuevo modelo de cooperacion deportiva y su evaluacion mediante un cuestionário. Em *Psicothema* 18 N°3 (pp. 425-432).
- Gomes, A., Sá, P., & Almeida e Sousa, S. (2004). *Os efeitos da formulação de objectivos sobre o rendimento desportivo de duas equipas de andebol sénior*, *Análise Psicológica* pp. 721-736.
- Gouvêa, F. (2003). *Análise da Auto-Eficácia em Atletas de Modalidades Individuais Coletivas*, *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte* pp. 45-60.
- Kline, R. B. (1998). *Principles and practice of structural equation modeling*. New York: The Guilford Press.
- Marôco, J. (2010). *Análise de Equações Estruturais. Fundamentos Teóricos, SoftWare e Aplicações*. Pero Pinheiro. ReportNumber, Lda.
- Martinez-Santos, R., & Circuelos, O. (2013). *Revista de Psicologia Del DEporte. Collective Efficacy, Cohesion, and Performance in Spanish Amateur Female Basketball*, pp. 235-238.
- Myers, N. D., & Feltz, D. (2007). From Self-Efficacy to Collective Efficacy in Sport: Transitional Methodological Issues. Em G. Tenenbaum, & R. Eklund, *Handbook of Sport Psychology* (pp. 799-822). New Jersey: John Wiley & Sons.
- Ruiz, M. C., & Hanin, Y. L. (2014). *Interactive effects of emotions on performance: An exploratory study in elite skeet shooters*. *Revista de Psicología del Deporte* pp. 275-284.
- Sharma, S. (1996). *Applied Multivariate Techniques*. John Wiley and Sons, New York.
- Smith, T. D., & McMillan, B. F. (2001). *A Primer of Model Fit Indices in Structural Equation Modeling*. Paper presented at the Annual Meeting of the Southwest Educational Research Association, New Orleans.
- Spink, S. (1990).. *Collective efficacy in the sport setting*. *International Journal of Psychology* pp. 380-395.
- Stegelin, A. (2003). *The Development and Maintenance of Collective Efficacy with a Women's Community College Basketball Team*. *Tese de Mestrado em ciências do desporto*. Universidade da Flórida. Universidade da Flórida.: Tese de Mestrado em ciências do desporto.

Zaccaro, S. J., Blair, V., & Peterson, C. e. (1995). «Collective efficacy». Em J. Maddux, *Self-Efficacy, Adaptation and Adjustment*. (pp. 305-328). New York: Plenum

Anexos

ANEXO A – Questionário



ISPA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

O meu nome é Nelson Lança, estudante do ISPA- instituto universitário das ciências psicológicas, sociais e da vida. No âmbito da minha tese de mestrado, na área da psicologia social e das organizações, estamos a realizar um estudo acerca da relação directa entre cooperação e rendimento desportivo e os efeitos da eficácia colectiva e da orientação motivacional, nessa mesma relação. Logo solicito a sua colaboração para o preenchimento deste questionário no qual esta garantida a sua confidencialidade e anonimato das suas respostas.

Os dados que serão recolhidos serão tratados estatisticamente apenas para fins académicos.

Procure responder de forma sincera, expressando a sua verdadeira opinião de modo a que a partir dela se reflita a sua experiência e não o que acha ser o mais correcto. Deste modo, a sua colaboração é fundamental para a realização deste estudo.

Obrigado pela sua colaboração!

QUESTIONÁRIO DE COOPERAÇÃO DESPORTIVA (QCD)

Instruções: Assinale, com sinceridade, uma “X” no seu grau de concordância com as frases seguintes. Não há respostas certas nem erradas. Interessa-nos apenas a sua opinião.

1	2	3	4	5
Muito	Bastante	Algo	Pouco	Nada

	1	2	3	4	5
1. Se todos nos esforçarmos e nos ajudarmos uns aos outros, a equipa irá melhorar e alcançar os seus objectivos					
2. Eu colaboro com os meus companheiros e com o meu treinador, sejam quais forem as circunstâncias do jogo					
3. É tão importante cooperar fora do terreno de jogo como em campo, embora eu me considere um profissional.					
4. Quando ajudo o treinador, seguindo as suas instruções e esforçando-me nos jogos e nos treinos, espero que ele me reconheça, dizendo-me ou colocando-me na equipa inicial.					
5. Coopero com o treinador, independentemente de ser titular ou suplente					
6. Colaboro com os meus companheiros de equipa, ainda que na equipa possa existir algum grupo que não ajude os companheiros.					
7. Trabalho conjuntamente com o treinador, independentemente de ser titular ou suplente.					
8. Quando com o meu jogo ou com o meu esforço ajudo algum companheiro em campo, espero ser reconhecido de alguma forma.					
9. Sigo sempre as instruções do meu treinador e acato as suas decisões, tanto nos jogos como nos treinos, chegando a sacrificar as minhas ideias acerca do jogo.					
10. Para concretizar os objectivos da equipa, temos de nos ajudar uns aos outros fora do campo, em questões pessoais, ou no balneário.					
11. Esforço-me muito durante os treinos, ainda que isso signifique competir com algum companheiro.					

12. A minha cooperação com os meus companheiros e treinador, tanto nos jogos como nos treinos, depende da colaboração que eles me dão a mim.					
13. Eu colaboro com os meus companheiros, mesmo que estes tenham mais capacidades do que eu.					
14. Eu coopero durante o jogo, mesmo que não se note, por exemplo, movimentando-me sem bola ou dobrando um companheiro.					
15. Se todos cooperarmos, a equipa fica mais unida e pode render mais ou trabalhar melhor.					

Questionário de Rendimento desportivo

O questionário que se segue avalia a **forma como tem jogado ao longo da presente época desportiva**. Trata-se de um **balanço global até ao momento** não se reportando a nenhum jogo em particular mas sim á sua autoavaliação global de rendimento nesta temporada desportiva. Responda rápida e sinceramente a cada questão numa escala de 1 a 7, onde 1=Nunca e 7=Sempre

	1	2	3	4	5	6	7
1. Tenho sido eficaz a fazer passes.							
2. A jogar, tenho demonstrado enorme determinação.							
3. Tenho procurado sempre linhas de passe para receber a bola, seja em situação de risco ou de controlo, estando taticamente bem posicionado.							
4. Sempre que estou em campo, tenho tido uma entrega total e absoluta ao jogo.							
5. Tenho sido capaz de dar uma excelente resposta física, independentemente das exigências do jogo.							
6. Dentro do campo, tenho sido um excelente trabalhador de equipa, ajudando e apoiando os meus colegas.							
7. Tenho sido eficaz cada vez que assumo uma ação de risco no jogo.							
8. Tenho conseguido recuperar facilmente a bola.							
9. Tenho tido capacidade para resistir a qualquer momento favorável ou desfavorável do jogo.							
10. Não tenho necessitado de muita informação para entender o que o treinador pretende.							
11. Tenho aprendido com os erros, não os repetindo.							
12. Tenho tido facilidade em autoavaliar-me após cada jogo.							
13. Tenho sido fisicamente muito forte na disputa de todos os lances.							
14. Quando estou em campo, tenho tido facilidade em concentrar-me.							
15. Tenho reagido rapidamente à perda da bola.							
16. Tenho conseguido gerir o facto de não ser convocado.							
17. Tenho tido capacidade para me preparar convenientemente para cada jogo.							
18. Tenho conseguido antecipar os movimentos do adversário.							
19. Tenho conseguido revelar um enorme espírito de sacrifício em prol da equipa.							
20. Tenho sido capaz de acompanhar a velocidade do jogo.							
21. Em todos os jogos e treinos tenho lutado para ser melhor que no anterior, para me superar.							
22. Tenho tido sucesso na disputa dos lances com os adversários.							
23. Tenho tido boa capacidade de leitura de jogo.							
24. Tenho sido muito dedicado a este desporto.							

25. Nos jogos mais exigentes, tenho conseguido manter uma boa resistência à fadiga até ao final do jogo.							
26. Tenho sido bem sucedido no cumprimento das tarefas definidas pelo treinador.							
27. Durante os jogos, tenho tomado facilmente decisões acerca do que devo ou não fazer.							
28. Tenho sido forte nas situações de 1 contra 1.							
29. Durante os jogos, tenho tido uma boa leitura da trajetória da bola, antecipando o meu posicionamento.							
30. Tenho sido um jogador disciplinado, quer nos treinos quer nos jogos.							
31. Tenho sido capaz de gerir as minhas emoções durante o jogo.							

QUESTIONÁRIO DE EFICÁCIA COLECTIVA

Classifica, relativamente ao próximo jogo, o grau de confiança que tens de que a tua equipa seja capaz de:

0	9
Nada Confiante	Confiante

[illegible]

26 – Aproveitar as oportunidades de forma eficaz									
27 - Mostrar mais determinação do que a outra equipa									
28 - Acreditar até ao fim									
29 - Antecipar as dificuldades e pensar em formas de as ultrapassar									
30 - Apoiar os colegas quando as coisas não correm bem									

Dados demográficos (*apenas para controlo estatístico*)

Género:

Masculino ☐
Feminino ☐

Idade: _____

Habilitações Literárias:

Ensino Básico ☐
Ensino Secundário ☐
Frequência de Ensino Superior ☐
Licenciatura ou superior ☐

Modalidade: _____

Posição em que joga: _____

Antiguidade no Clube: _____

Há quanto tempo trabalho com o seu actual treinador? _____

Há quanto tempo está nesta equipa? _____

É simpatizante ou adepto do clube onde pratica? Sim: ____ Não: ____

Recompensa monetária:

Nenhuma ☐
Bolsa de Formação ☐
Prémio ☐
Salário ☐

Outras formas de recompensas (não monetárias):

Nenhuma ☐
Se sim, qual? _____

Nº de treinos por semana (em média): _____

Face aos seus objectivos, considera o nº de treinos adequado? Sim: ____ Não: ____

Nº de anos a praticar a modalidade: _____

Se desejar receber os resultados do estudo para o qual contribuiu, por favor, indique o seu contrato electrónico: _____.

ANEXO B – Estatística Descritiva da Amostra

Género

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Masculino	146	100,0	100,0	100,0

Descriptive Statistics

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
Idade	146	15	35	20,05	5,102
Valid N (listwise)	146				

Habilitações

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Ensino Básico	21	14,4	14,4	14,4
Ensino Secundario	104	71,2	71,2	85,6
Frequencia de ensino superior	19	13,0	13,0	98,6
Licenciatura ou superior	2	1,4	1,4	100,0
Total	146	100,0	100,0	

Modalidade

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid futebol	65	44,5	44,5	44,5
andebol	53	36,3	36,3	80,8
futsal	28	19,2	19,2	100,0
Total	146	100,0	100,0	

Posição				
	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	1	,7	,7	,7
ala	13	8,9	8,9	9,6
ala direita	1	,7	,7	10,3
ala esq	1	,7	,7	11,0
avançado	1	,7	,7	11,6
Avançado	9	6,2	6,2	17,8
central	9	6,2	6,2	24,0
Central	6	4,1	4,1	28,1
Defesa	7	4,8	4,8	32,9
extremo	1	,7	,7	33,6
Extremo	9	6,2	6,2	39,7
Extrremo	1	,7	,7	40,4
fixo	6	4,1	4,1	44,5
guada redes	1	,7	,7	45,2
guarda redes	10	6,8	6,8	52,1
guarda resdes	1	,7	,7	52,7
Guarda-Redes	4	2,7	2,7	55,5
lateral	2	1,4	1,4	56,8
Lateral	6	4,1	4,1	61,0
lateral direito	1	,7	,7	61,6
lateral esq	1	,7	,7	62,3
livre	1	,7	,7	63,0
lt esq	2	1,4	1,4	64,4
Medio	13	8,9	8,9	73,3
medio centro	1	,7	,7	74,0
Medio-Ofensivo	1	,7	,7	74,7
meio campo	1	,7	,7	75,3
pivo	2	1,4	1,4	76,7
pivot	11	7,5	7,5	84,2
Pivot	1	,7	,7	84,9
ponta	14	9,6	9,6	94,5
ponta direito	1	,7	,7	95,2
ponta dr	2	1,4	1,4	96,6

ponta esq	2	1,4	1,4	97,9
tudo	3	2,1	2,1	100,0
Total	146	100,0	100,0	

Descriptive Statistics

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
Antiguidade	141	1,00	20,00	4,0284	3,43915
Valid N (listwise)	141				

Descriptive Statistics

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
TTT	143	1,00	12,00	2,0629	1,76115
Valid N (listwise)	143				

Descriptive Statistics

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
TE	144	1,00	11,00	2,9236	2,31166
Valid N (listwise)	144				

Adepto

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	sim	127	87,0	88,2	88,2
	não	17	11,6	11,8	100,0
	Total	144	98,6	100,0	
Missing System		2	1,4		
Total		146	100,0		

Recompensa					
		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nenhuma	118	80,8	81,4	81,4
	Bolsa de Formação	2	1,4	1,4	82,8
	Premio	6	4,1	4,1	86,9
	Salario	19	13,0	13,1	100,0
	Total	145	99,3	100,0	
Missing	System	1	,7		
Total		146	100,0		

Outras recom					
		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nenhuma	138	94,5	97,2	97,2
	Outra	4	2,7	2,8	100,0
	Total	142	97,3	100,0	
Missing	System	4	2,7		
Total		146	100,0		

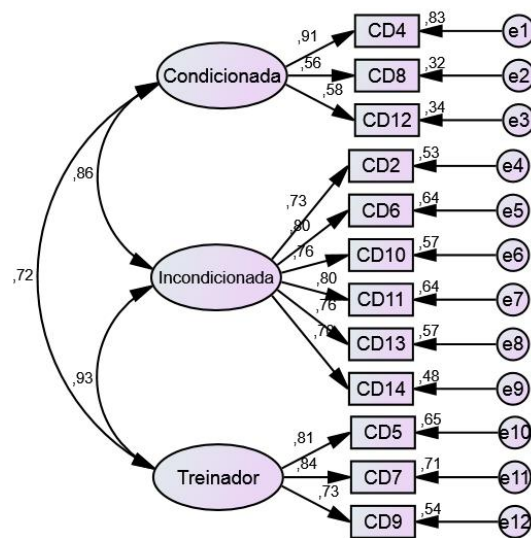
Descriptive Statistics					
	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
Nº_treinos	145	1,00	8,00	3,6897	1,33602
Valid N (listwise)	145				

Descriptive Statistics					
	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
Anos_modal	145	1,00	28,00	8,5862	5,76337
Valid N (listwise)	145				

		N° obje			
		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Sim	116	79,5	80,0	80,0
	Não	29	19,9	20,0	100,0
	Total	145	99,3	100,0	
Missing	System	1	,7		
Total		146	100,0		

ANEXO C – Qualidades Métricas da Escala de Cooperação

Validade – Análise fatorial Confirmatória



$\chi^2(50)=96,341$; $p=,000$; $\chi^2_{df}=1,927$
 ;CFI=,955; GFI=,909; TLI=,941
 ;;PCFI=,724; PGFI=,583
 ;RMSEA=,080; $p(\text{rmsea} \leq 0,05)=,024$
 ;AIC=152,341; BCC=157,856; MECVI=1,089

Fiabilidade

Reliability Statistics	
Cronbach's Alpha	N of Items
,924	12

Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item- Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
CD2	44,68	59,696	,668	,918
CD4	44,74	57,090	,756	,914
CD5	44,84	59,789	,689	,917
CD6	44,65	59,208	,752	,915
CD7	44,75	59,139	,720	,916
CD8	45,04	58,357	,562	,924
CD9	44,81	59,522	,724	,916
CD10	44,65	58,767	,733	,915
CD11	44,76	57,397	,760	,914
CD12	45,15	58,970	,542	,925
CD13	44,65	59,567	,706	,917
CD14	44,62	58,928	,659	,918

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,792	3

Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item- Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
CD4	7,51	4,238	,573	,778
CD8	7,81	3,480	,653	,696
CD12	7,92	3,497	,681	,663

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,829	3

Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item- Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
CD5	8,14	2,326	,711	,740
CD7	8,05	2,184	,755	,694
CD9	8,10	2,576	,602	,845

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,890	6

Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item- Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
CD2	20,92	13,579	,694	,873
CD6	20,89	13,657	,731	,868
CD10	20,89	13,464	,705	,872
CD11	21,00	12,869	,722	,869
CD13	20,89	13,629	,717	,870
CD14	20,86	13,145	,688	,875

Sensibilidade

Statistics							
	N						
	Valid	Missing	Median	Skewness	Kurtosis	Minimum	Maximum
CD2	146	0	2,00	1,139	1,427	1	5
CD4	146	0	2,00	1,217	1,337	1	5
CD5	146	0	2,00	,830	1,036	1	5
CD6	146	0	2,00	,964	,870	1	5
CD7	146	0	2,00	,755	,213	1	5
CD8	146	0	2,00	,823	-,061	1	5
CD9	146	0	2,00	,792	1,023	1	5
CD10	146	0	2,00	1,113	1,206	1	5
CD11	146	0	2,00	1,176	1,295	1	5
CD12	146	0	2,00	,893	,346	1	5
CD13	146	0	2,00	,937	,644	1	5
CD14	146	0	1,00	1,239	1,011	1	5

Descriptives			
		Statistic	Std. Error
Cooperação	Mean	1,8998	,05755
	Median	1,7727	
	Skewness	1,432	,201
	Kurtosis	2,539	,399
CCondicionada	Mean	1,9949	,06692
	Median	1,8750	
	Skewness	1,047	,201
	Kurtosis	,984	,399
CTreinador	Mean	1,9521	,06104
	Median	2,0000	
	Skewness	,963	,201
	Kurtosis	1,429	,399
CIncondicionada	Mean	1,7654	,06328
	Median	1,5000	
	Skewness	1,618	,201

Kurtosis	2,534	,399
----------	-------	------

Tests of Normality						
	Kolmogorov-Smirnov ^a			Shapiro-Wilk		
	Statistic	df	Sig.	Statistic	df	Sig.
Cooperação	,118	146	,000	,885	146	,000
CCondicionada	,141	146	,000	,912	146	,000
CTreinador	,125	146	,000	,914	146	,000
CIncondicionada	,193	146	,000	,824	146	,000

a. Lilliefors Significance Correction

ANEXO D – Qualidades métricas da escala de Rendimento

Validade – Análise Fatorial Exploratória

KMO and Bartlett's Test

Kaiser-Meyer-Olkin Measure of Sampling Adequacy.		,966
Bartlett's Test of Sphericity	Approx. Chi-Square	5784,402
	df	465
	Sig.	,000

Total Variance Explained

Initial Eigenvalues				Extraction Sums of Squared Loadings		
Component	Total	% of Variance	Cumulative %	Total	% of Variance	Cumulative %
1	22,105	71,306	71,306	22,105	71,306	71,306
2	1,074	3,464	74,770			
31	,055	,176	100,000			

Extraction Method: Principal Component Analysis.

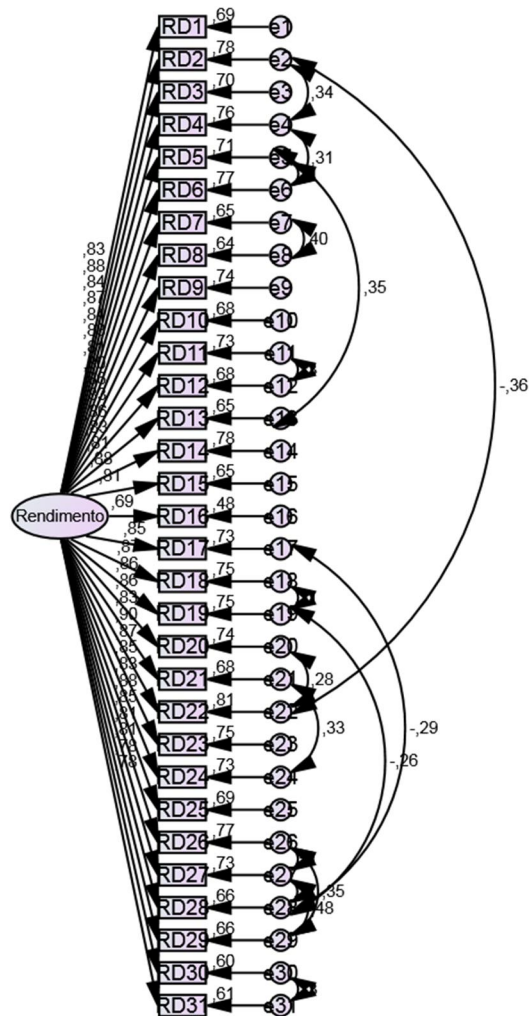
Component Matrix^a

Component	
1	
RD1	,834
RD2	,884
RD3	,846
RD4	,874
RD5	,855
RD6	,878
RD7	,822
RD8	,815
RD9	,868
RD10	,834
RD11	,866
RD12	,840
RD13	,822
RD14	,885
RD15	,807
RD16	,698
RD17	,851
RD18	,868
RD19	,870
RD20	,857
RD21	,829
RD22	,896
RD23	,873
RD24	,856
RD25	,838
RD26	,888
RD27	,865
RD28	,816
RD29	,828
RD30	,790
RD31	,798

Extraction Method: Principal Component Analysis.

a. 1 components extracted.

Análise Fatorial Confirmatória



$\chi^2(417)=1007,700$; $p=,000$; $\chi^2_{df}=2,417$
 ;CFI=,898; GFI=,685; TLI=,886
 ;;PCFI=,805; PGFI=,576
 ;RMSEA=,099; $p(rmsea \leq 0,05)=,000$
 ;AIC=1165,700; BCC=1210,443; MECVI=8,348

Fiabilidade

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items

Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item- Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
RD1	166,10	1335,017	,823	,986
RD2	165,74	1325,766	,875	,986
RD3	165,79	1339,806	,835	,986
RD4	165,58	1326,838	,863	,986
RD5	165,86	1333,250	,843	,986
RD6	165,68	1325,652	,867	,986
RD7	165,99	1340,841	,809	,986
RD8	166,18	1336,786	,803	,986
RD9	165,93	1333,030	,856	,986
RD10	165,98	1333,951	,821	,986
RD11	165,77	1334,704	,855	,986
RD12	165,83	1335,770	,829	,986
RD13	166,03	1333,882	,810	,986
RD14	165,75	1327,432	,876	,986
RD15	165,81	1337,315	,794	,986
RD16	165,75	1337,042	,681	,987
RD17	165,64	1340,260	,840	,986
RD18	165,75	1338,642	,858	,986
RD19	165,58	1335,529	,859	,986
RD20	165,64	1334,107	,845	,986
RD21	165,68	1338,548	,816	,986
RD22	165,83	1330,584	,887	,986
RD23	165,71	1328,926	,863	,986
RD24	165,40	1327,758	,845	,986
RD25	165,73	1331,383	,825	,986
RD26	165,72	1329,321	,879	,986
RD27	165,85	1334,460	,854	,986
RD28	165,99	1337,517	,804	,986
RD29	165,76	1338,073	,815	,986
RD30	165,52	1343,051	,776	,986
RD31	165,66	1330,611	,785	,986

Sensibilidade

Statistics							
	N		Median	Skewness	Kurtosis	Minimum	Maximum
	Valid	Missing					
RD1	146	0	5,00	-1,149	1,417	1	7
RD2	146	0	6,00	-1,590	2,379	1	7
RD3	146	0	6,00	-1,468	2,206	1	7
RD4	146	0	6,00	-1,523	1,877	1	7
RD5	146	0	6,00	-1,185	1,048	1	7
RD6	146	0	6,00	-1,449	1,717	1	7
RD7	146	0	5,50	-,780	,260	1	7
RD8	146	0	5,00	-,868	,389	1	7
RD9	146	0	6,00	-1,102	1,007	1	7
RD10	146	0	6,00	-1,084	,902	1	7
RD11	146	0	6,00	-1,345	1,420	1	7
RD12	146	0	6,00	-1,203	1,150	1	7
RD13	146	0	6,00	-1,010	,741	1	7
RD14	146	0	6,00	-1,531	2,223	1	7
RD15	146	0	6,00	-1,399	1,783	1	7
RD16	146	0	6,00	-1,296	,917	1	7
RD17	146	0	6,00	-1,465	2,344	1	7
RD18	146	0	6,00	-1,192	1,570	1	7
RD19	146	0	6,00	-1,407	1,729	1	7
RD20	146	0	6,00	-1,583	2,499	1	7
RD21	146	0	6,00	-1,385	1,816	1	7
RD22	146	0	6,00	-1,423	2,022	1	7
RD23	146	0	6,00	-1,436	1,909	1	7
RD24	146	0	6,00	-1,847	2,936	1	7
RD25	146	0	6,00	-1,437	1,650	1	7
RD26	146	0	6,00	-1,462	1,921	1	7
RD27	146	0	6,00	-1,428	1,886	1	7
RD28	146	0	6,00	-1,039	,605	1	7
RD29	146	0	6,00	-1,378	1,482	1	7
RD30	146	0	6,00	-1,725	2,903	1	7
RD31	146	0	6,00	-1,563	1,772	1	7

Descriptives

		Statistic	Std. Error
Rendimento	Mean	5,5261	,10074
	Median	5,8387	
	Skewness	-1,818	,201
	Kurtosis	3,048	,399

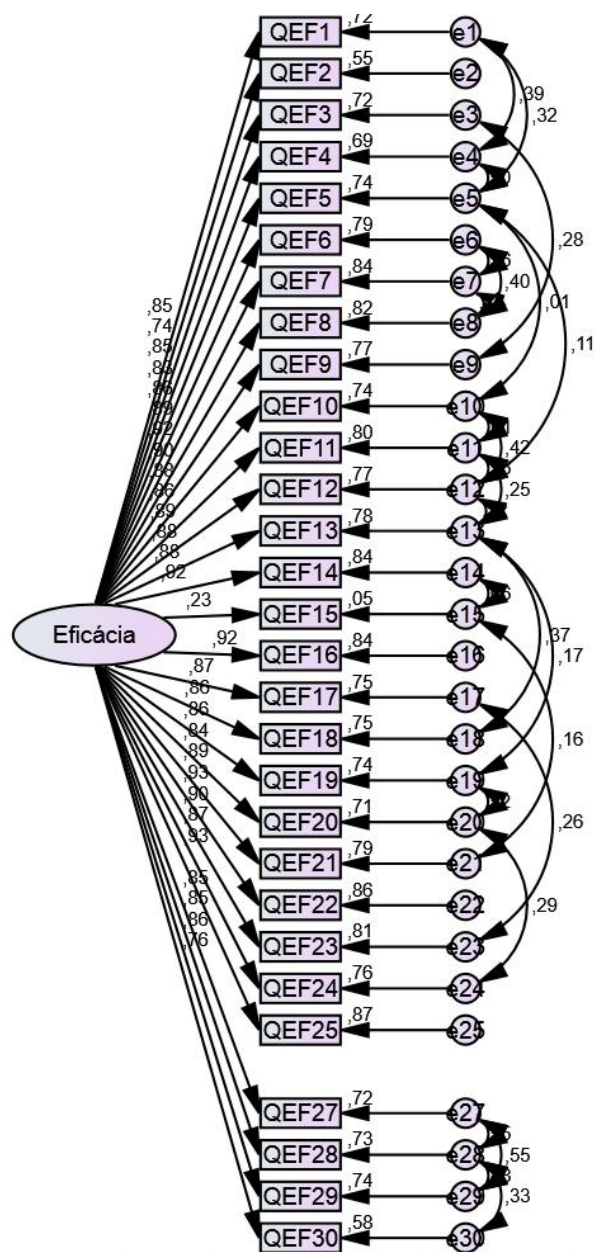
Tests of Normality

	Kolmogorov-Smirnov ^a			Shapiro-Wilk		
	Statistic	df	Sig.	Statistic	df	Sig.
Rendimento	,197	146	,000	,795	146	,000

a. Lilliefors Significance Correction

ANEXO E – Qualidades métricas da escala de Eficácia

Validade – Análise Fatorial Confirmatória



$\chi^2(350)=1048,098$; $p=,000$; $\chi^2_{df}=2,995$
 ; CFI=,894; GFI=,640; TLI=,877
 ; PCFI=,771; PGFI=,515
 ; RMSEA=,117; $p(\text{rmsea} \leq 0,05)=,000$
 ; AIC=1218,098; BCC=1262,446; MECVI=8,707

Fiabilidade

Reliability Statistics	
Cronbach's Alpha	N of Items
,989	29

Item-Total Statistics				
	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item- Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
QEF1	210,48	1732,024	,855	,989
QEF2	210,60	1736,415	,732	,989
QEF3	210,52	1740,453	,839	,989
QEF4	210,49	1726,646	,854	,989
QEF5	210,46	1719,858	,874	,989
QEF6	210,46	1715,472	,881	,989
QEF7	210,36	1719,079	,910	,989
QEF8	210,34	1720,838	,890	,989
QEF9	210,45	1727,968	,865	,989
QEF10	210,53	1719,292	,877	,989
QEF11	210,48	1714,217	,904	,989
QEF12	210,49	1713,791	,887	,989
QEF13	210,55	1715,490	,886	,989
QEF14	210,35	1723,546	,907	,989
QEF15	210,34	1723,073	,894	,989
QEF16	210,30	1730,037	,902	,989
QEF17	210,52	1731,348	,854	,989
QEF18	210,53	1715,211	,877	,989
QEF19	210,47	1723,582	,870	,989
QEF20	210,47	1728,576	,847	,989
QEF21	210,58	1728,887	,869	,989
QEF22	210,27	1721,187	,909	,989
QEF23	210,43	1721,315	,885	,989
QEF24	210,49	1718,741	,884	,989
QEF25	210,30	1722,620	,916	,989
QEF27	210,43	1730,308	,849	,989
QEF28	210,27	1731,238	,839	,989
QEF29	210,38	1733,070	,860	,989
QEF30	210,36	1728,307	,752	,989

Statistics

	N		Median	Skewness	Kurtosis	Minimum	Maximum
	Valid	Missing					
QEF1	146	0	8,00	-1,615	2,757	2	9
QEF2	146	0	8,00	-1,933	4,170	0	9
QEF3	146	0	8,00	-1,356	1,968	2	9
QEF4	146	0	8,00	-1,926	4,999	0	9
QEF5	146	0	8,00	-2,136	5,360	0	9
QEF6	146	0	8,00	-1,877	4,068	0	9
QEF7	146	0	8,00	-2,126	5,440	0	9
QEF8	146	0	8,00	-1,982	4,784	0	9
QEF9	146	0	8,00	-1,800	4,340	0	9
QEF10	146	0	8,00	-1,770	3,763	0	9
QEF11	146	0	8,00	-1,881	3,869	1	9
QEF12	146	0	8,00	-2,130	5,107	0	9
QEF13	146	0	8,00	-1,782	3,722	0	9
QEF14	146	0	8,00	-1,879	4,036	1	9
QEF15	146	0	8,00	-1,948	4,420	1	9
QEF16	146	0	8,00	-1,697	3,221	2	9
QEF17	146	0	8,00	-1,520	2,494	2	9
QEF18	146	0	8,00	-2,046	4,722	0	9
QEF19	146	0	8,00	-2,057	4,999	0	9
QEF20	146	0	8,00	-1,899	4,435	0	9
QEF21	146	0	8,00	-1,648	3,212	1	9
QEF22	146	0	8,00	-1,921	4,011	1	9
QEF23	146	0	8,00	-1,807	3,507	1	9
QEF24	146	0	8,00	-2,034	4,672	0	9
QEF25	146	0	8,00	-1,988	4,412	1	9
QEF26	146	0	8,00	-1,504	2,245	1	9
QEF27	146	0	8,00	-1,689	3,422	1	9
QEF28	146	0	8,00	-1,887	3,902	1	9
QEF29	146	0	8,00	-1,653	3,152	1	9
QEF30	146	0	8,00	-1,914	3,874	0	9

Descriptives

	Statistic	Std. Error
Eficácia Mean	7,5156	,12272

Median	7,8966	
Skewness	-2,211	,201
Kurtosis	5,471	,399

Tests of Normality						
	Kolmogorov-Smirnov ^a			Shapiro-Wilk		
	Statistic	df	Sig.	Statistic	df	Sig.
Eficácia	,192	146	,000	,765	146	,000

a. Lilliefors Significance Correction

ANEXO F – Estatística Descritiva das Variáveis em Estudo

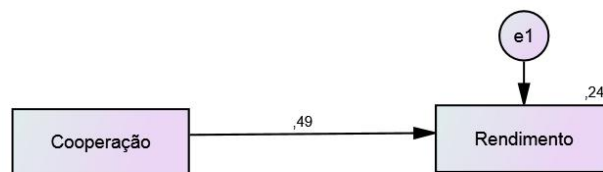
Descriptive Statistics					
	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
Cooperação	146	1,00	4,55	1,8998	,69536
CCondicionada	146	1,00	4,75	1,9949	,80861
CTreinador	146	1,00	4,67	1,9521	,73759
CIncondicionada	146	1,00	4,50	1,7654	,76464
Rendimento	146	1,48	7,00	5,5261	1,21721
Eficácia	146	1,28	9,00	7,5156	1,48285
Valid N (listwise)	146				

ANEXO G – Correlações

Correlations						
	1	1.1	1.2	1.3	3	4
Cooperação	1					
CCondicionada	,905**	1				
CTreinador	,862**	,661**	1			
CIncondicionada	,920**	,729**	,733**	1		
Rendimento	-,490**	-,469**	-,395**	-,444**	1	
Eficácia	-,566**	-,472**	-,550**	-,519**	,498**	1

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

ANEXO H – Testes de Hipóteses



Regression Weights: (Group number 1 - Default model)

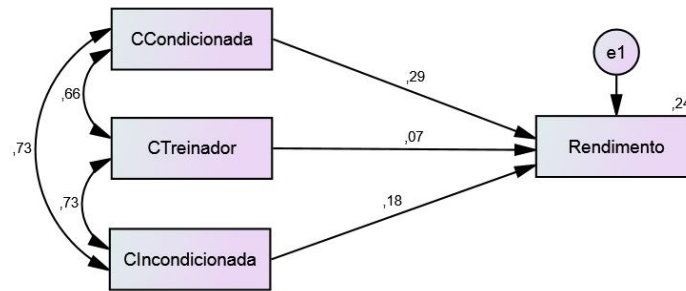
	Estimate	S.E.	C.R.	P	Label
Rendimento <--- Cooperação	,858	,127	6,772	***	

Standardized Regression Weights: (Group number 1 - Default model)

	Estimate
Rendimento <--- Cooperação	,490

Squared Multiple Correlations: (Group number 1 - Default model)

	Estimate
Rendimento	,240



Regression Weights: (Group number 1 - Default model)

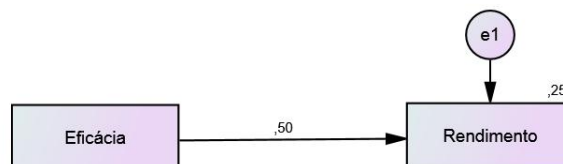
	Estimate	S.E.	C.R.	P	Label
Rendimento <--- CCondicionada	,436	,165	2,643	,008	
Rendimento <--- CTreinador	,118	,182	,651	,515	
Rendimento <--- CIncondicionada	,288	,192	1,495	,135	

Standardized Regression Weights: (Group number 1 - Default model)

	Estimate
Rendimento <--- CCondicionada	,290
Rendimento <--- CTreinador	,072
Rendimento <--- CIncondicionada	,181

Squared Multiple Correlations: (Group number 1 - Default model)

	Estimate
Rendimento	,244



Regression Weights: (Group number 1 - Default model)

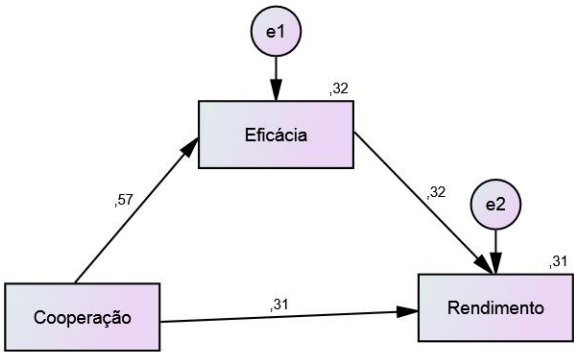
	Estimate	S.E.	C.R.	P	Label
Rendimento <--- Eficácia	,409	,059	6,921	***	

Standardized Regression Weights: (Group number 1 - Default model)

	Estimate
Rendimento <--- Eficácia	,498

Squared Multiple Correlations: (Group number 1 - Default model)

	Estimate
Rendimento	,248



Regression Weights: (Group number 1 - Default model)

	Estimate	S.E.	C.R.	P	Label
Eficácia <--- Cooperação	1,208	,146	8,275	***	
Rendimento <--- Eficácia	,267	,069	3,888	***	
Rendimento <--- Cooperação	,536	,146	3,662	***	

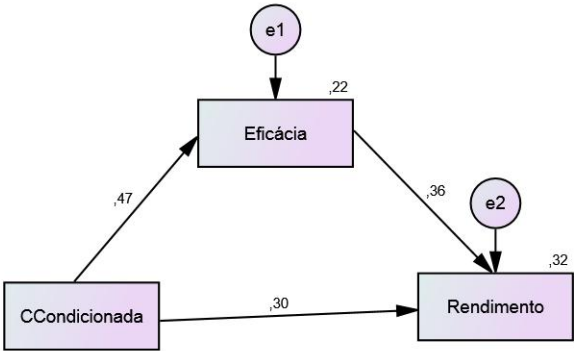
Standardized Regression Weights: (Group number 1 - Default model)

	Estimate
Eficácia <--- Cooperação	,566
Rendimento <--- Eficácia	,325
Rendimento <--- Cooperação	,306

Squared Multiple Correlations: (Group number 1 - Default model)

Sobel estatístico do ensaio: 3.26567627
Probabilidade unilateral: 0.00054602
Probabilidade bicaudal: 0.00109203

	Estimate
Eficácia	,321
Rendimento	,312



Regression Weights: (Group number 1 - Default model)

			Estimate	S.E.	C.R.	P	Label
Eficácia	<---	CCondicionada	,866	,134	6,452	***	
Rendimento	<---	Eficácia	,293	,064	4,584	***	
Rendimento	<---	CCondicionada	,452	,117	3,859	***	

Standardized Regression Weights: (Group number 1 - Default model)

			Estimate
Eficácia	<---	CCondicionada	,472
Rendimento	<---	Eficácia	,357
Rendimento	<---	CCondicionada	,300

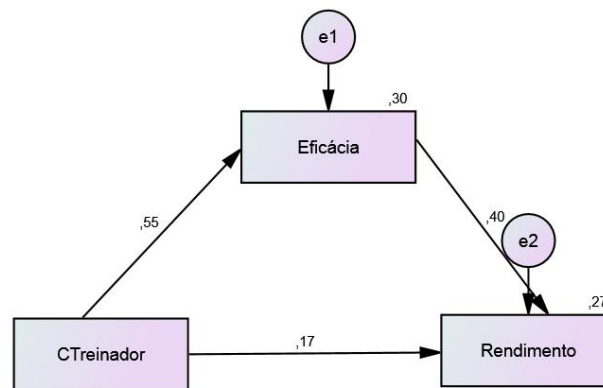
Squared Multiple Correlations: (Group number 1 - Default model)

Sobel estatístico do ensaio: 3.91828294

Probabilidade unilateral: 0.00004459

Probabilidade bicaudal: 0.00008918

	Estimate
Eficácia	,223
Rendimento	,318



Regression Weights: (Group number 1 - Default model)

			Estimate	S.E.	C.R.	P	Label
Eficácia	<---	CTreinador	1,106	,139	7,937	***	
Rendimento	<---	CTreinador	,287	,140	2,045	,041	
Rendimento	<---	Eficácia	,331	,070	4,736	***	

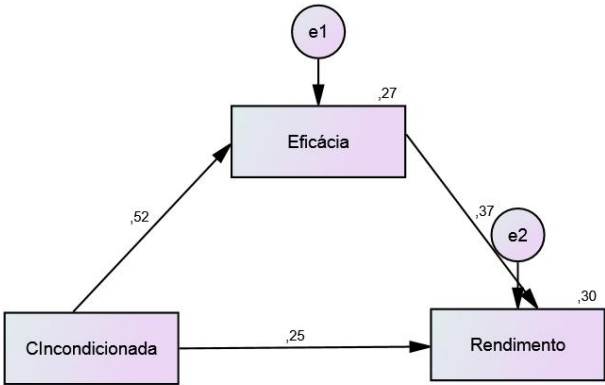
Standardized Regression Weights: (Group number 1 - Default model)

			Estimate
Eficácia	<---	CTreinador	,550
Rendimento	<---	CTreinador	,174
Rendimento	<---	Eficácia	,403

Squared Multiple Correlations: (Group number 1 - Default model)

	Estimate
Eficácia	,303
Rendimento	,269

Sobel estatístico do ensaio:2.00415819
Probabilidade unilateral: 0.02252656
Probabilidade bicaudal: 0.04505312



Regression Weights: (Group number 1 - Default model)

			Estimate	S.E.	C.R.	P	Label
Eficácia	<---	CIncondicionada	1,006	,138	7,308	***	
Rendimento	<---	CIncondicionada	,404	,130	3,116	,002	
Rendimento	<---	Eficácia	,301	,067	4,495	***	

Standardized Regression Weights: (Group number 1 - Default model)

			Estimate
Eficácia	<---	CIncondicionada	,519
Rendimento	<---	CIncondicionada	,254
Rendimento	<---	Eficácia	,367

Squared Multiple Correlations: (Group number 1 - Default model)

	Estimate
Eficácia	,269
Rendimento	,295

Sobel estatístico do ensaio: 2.83025263
Probabilidade unilateral: 0.00232556
Probabilidade bicaudal: 0.00465113